

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO  
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	<b>02</b>
<b>1. Articulação do PPC com o PPI e PDI</b>	<b>02</b>
<b>2. Histórico e justificativa da criação do Curso</b>	<b>04</b>
<b>3. Concepção do Curso: fundamentos</b>	<b>06</b>
<b>3.1. Princípios Gerais</b>	<b>06</b>
<b>3.2. Objetivos do curso</b>	<b>09</b>
<b>3.2.1. Objetivo Geral</b>	<b>09</b>
<b>3.2.2. Objetivos Específicos</b>	<b>10</b>
<b>3.3. Perfil do Profissional</b>	<b>10</b>
<b>3.4. Campos de atuação do egresso</b>	<b>11</b>
<b>3.5. Competências e habilidades</b>	<b>11</b>
<b>3.6. Funcionamento do curso</b>	<b>12</b>
<b>4. Currículo</b>	<b>12</b>
<b>4.1 Considerações sobre a estrutura e dinâmica curricular</b>	<b>12</b>
<b>4.2 Adequação do PPC com as diretrizes curriculares para o curso</b>	<b>15</b>
<b>5. Caracterização das Disciplinas da Grade Curricular</b>	<b>15</b>
<b>6. Pessoal Docente</b>	<b>15</b>
<b>7. Organização de ACCs e TCC</b>	<b>16</b>
<b>7.1. Atividades curriculares complementares (ACCs)</b>	<b>17</b>
<b>7.1.1. Estágios</b>	<b>17</b>
<b>8. Instalações físicas específicas</b>	<b>18</b>
<b>9. Avaliação da aprendizagem e do Projeto Pedagógico</b>	<b>21</b>
<b>9.1. Avaliação do processo de ensino-aprendizagem</b>	<b>21</b>
<b>9.2. Avaliação do curso</b>	<b>21</b>
<b>9.3. Avaliação institucional</b>	<b>21</b>
<b>9.4. Funcionamento da coordenação do curso e suas atribuições</b>	<b>22</b>
<b>10. Fontes de Consulta</b>	<b>22</b>
<b>Anexos</b>	<b>24</b>

## **APRESENTAÇÃO**

Em maio de 2023 o Comitê Assessor do Curso de Bacharelado em Arqueologia concluiu e implementou a reestruturação do Projeto Pedagógico de Curso (PPC), que possuía vigência desde maio de 2010. A reforma do PPC teve por base a Deliberação nº 007/2008, do COEPEA/FURG, e a Resolução COEPEA/FURG nº 29, de 25 de março de 2022, que regulamenta as diretrizes para a curricularização das atividades acadêmicas de extensão dos cursos de graduação, na forma de componente curricular, conforme estabelecido nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) e nos demais documentos normativos próprios.

O Bacharelado em Arqueologia foi implementado através da Deliberação nº 013/2008 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão em 16 de maio de 2008 e iniciou suas atividades em agosto daquele mesmo ano. Ao longo destes anos, o corpo docente do Curso percebeu a necessidade de algumas alterações em seu PPC como forma de atender demandas específicas verificadas na distribuição das disciplinas e as atuais diretrizes e regulamentações implementadas pelas instâncias da universidade. Sendo assim, foram realizadas diversas reuniões que resultaram na presente proposta.

A reforma no PPC do curso de Bacharelado em Arqueologia visa, principalmente, a inclusão dos componentes curriculares de extensão e a reorganização das disciplinas e incluiu, dentre outras modificações, a extinção das ênfases e a obrigatoriedade dos estágios.

Sendo assim, os objetivos principais das alterações propostas foram os seguintes:

- 1) Implementar a política de curricularização da extensão;
- 2) Propiciar uma melhor coerência na sequência lógica das disciplinas oferecidas;
- 3) Reordenar a posição de disciplinas no QSL do Curso, de modo que possuam um melhor encadeamento de seus conteúdos;
- 4) Combater a evasão, oferecendo ao aluno ingressante a possibilidade de cumprir o seu percurso acadêmico de acordo com seus interesses e potencialidades;
- 5) Adequar a formação oferecida pelo curso às novas demandas do mercado de trabalho dos profissionais arqueólogos, as quais vem se alterando consideravelmente no Brasil nos últimos anos.

### **1. ARTICULAÇÃO DO PPC COM O PPI E PDI**

Conforme expresso no seu atual Projeto Pedagógico Institucional (PPI), “a FURG, ao não aceitar a exclusão social, aposta em um modelo incluyente para o qual o desenvolvimento deve ser igualitário, centrado no princípio da cidadania como patrimônio universal”. Ora, é justamente a questão da inclusão social e do exercício consciente da cidadania que a Arqueologia, na forma como é proposta neste PPC, pretende contemplar. Esta formação humanística e cidadã, que é um dos princípios norteadores das ações dessa Universidade, é o foco principal do curso de Bacharelado em Arqueologia da FURG.

Ao mesmo tempo, a inserção privilegiada desta Instituição num ecossistema costeiro, eleito como vocação, e sua orientação filosófica voltada para as peculiaridades históricas, culturais e sociais características desta sua circunstância ambiental, constituiu condição de favorecimento à implementação do curso de Bacharelado em Arqueologia na FURG: este ecossistema costeiro inclui uma ampla diversidade de sistemas socioculturais, alguns que já desapareceram, deixando apenas seus vestígios materiais e imateriais e outros que ainda permanecem, conservando e/ou modificando sua cultura material. Todos eles são objeto de estudo da Arqueologia.

A região onde a FURG está inserida apresenta uma imensa gama de manifestações materiais que integram diferentes sistemas socioculturais desde os últimos 4 mil anos, até o presente. Conhecer as pessoas e sociedades que inextricavelmente constituíram e constituem este ecossistema costeiro é condição *sine qua non* para conhecer este último. No entanto, tais sistemas socioculturais são praticamente desconhecidos, ainda que abundantes, em nossa região. Isto é ainda mais verdadeiro quando se trata de sociedades sem escrita, já que a Arqueologia é a única forma de chegar-se a conhecê-las.

Por outro lado, as sociedades coloniais e pós-coloniais, ainda que mais conhecidas, têm sido descritas a partir dos testemunhos de uma elite: a letrada. Sabemos que os documentos escritos foram (e são) produzidos por muito poucos. Entretanto, os documentos materiais, fontes sobre as quais se debruça a Arqueologia, são produzidos por todos. Neste sentido, a Arqueologia tem a virtude de poder contar uma história mais democrática que aquela tradicionalmente contada a partir da documentação escrita. Uma história onde todos os segmentos sociais possam estar representados, contada a partir da interpretação de um tipo de fonte que foi produzida por todos: senhores e escravos, velhos e crianças, homens e mulheres, europeus e indígenas.

Institucionalmente, o curso de Arqueologia assume o compromisso, selado na construção deste PPC, em aderir ao PPI em vigência, seguindo o planejamento estratégico da FURG, no que diz respeito à sua filosofia, missão, princípios orientadores do ensino, pesquisa e extensão, perfis de servidores e estudantes, e observância aos processos de avaliação e planejamento de objetivos estratégicos a serem buscados e cumpridos pelo curso e pela Universidade, em consonância com seu papel transformador e libertador na sociedade. Neste contexto, o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), documento de avaliação e revisão periódica (quadrienal) obrigatória, expressando os eixos norteadores, os objetivos, as estratégias e os programas pelos quais as diferentes áreas de atuação da FURG buscam cumprir a missão, visão e objetivos estratégicos previstos no PPI, desempenha papel fundamental no processo de avaliação e ajuste dos cursos sediados na instituição, representando instrumento imprescindível para a construção, e execução, de propostas como a que temos em tela.

O atual PDI da FURG apresenta 13 eixos norteadores: Graduação, Pós-Graduação, Pesquisa, Inovação Tecnológica, Extensão, Cultura, Assuntos Estudantis, Gestão de Pessoas, Infraestrutura, Gestão Ambiental, Gestão da Informação, Comunicação Institucional e Gestão Institucional. De maneira diferencial, uns mais

e outros menos, estes eixos são contemplados, ao interferir ou serem alvo de interferência, pelas ações propostas nesta reforma de PPC.

## 2. HISTÓRICO E JUSTIFICATIVA DO CURSO

A construção do projeto do curso de Bacharelado em Arqueologia iniciou no ano de 2005, vinculada às demandas sociais. Na ocasião um pré-projeto foi apresentado no então denominado Departamento de Biblioteconomia e História (DBH). Inicialmente a pré-proposta apontava para a criação do Curso de Museologia, através da atuação de comissão designada pela Portaria nº 191/2006 de 20 de fevereiro de 2006, composta dos professores Beatriz Valladão Thiesen (coordenadora), Márcia Naomi Kunioshi, Jussemar Weiss Gonçalves e Manoel Frohlich. Essa primeira proposta foi parcialmente discutida com o diretor do Departamento de Museus, DEMU/IPHAN, antropólogo José Nascimento Junior, em reunião com representantes da Reitoria e do DBH ainda em 2005, quando o Ministério da Cultura propôs a esta Universidade a criação do Curso de Museologia. Na ocasião, em reunião de colegiado, o DBH optou por baixar o projeto em diligência.

Com o Decreto Presidencial nº. 6.096/07 de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, a proposta de abertura de um novo curso tomou fôlego, contando, então, com o apoio do Departamento de Biblioteconomia e História. Uma nova comissão foi designada e o projeto inicial foi reformulado. Assim, em agosto de 2008 a FURG recebeu a primeira turma de ingressantes no curso de Bacharelado em Arqueologia, naquela ocasião o único curso de Arqueologia na região sul do Brasil. Naquela conjuntura a Arqueologia acadêmica brasileira era bastante pequena e o número de arqueólogos profissionais era consideravelmente reduzido, tendo em vista os poucos centros de formação existentes. O Brasil, país de dimensões continentais, população elevada e com um vasto número de sítios arqueológicos, possuía, talvez, não muito mais de 500 arqueólogos. O site da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB –, acessado em agosto de 2007, apresentava uma lista de sócios com apenas 383 membros. No Rio Grande do Sul, o número de profissionais em Arqueologia era de aproximadamente 40, segundo informações do Núcleo Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB SUL.

O mercado de trabalho para o profissional de Arqueologia é bastante amplo: carreira docente no magistérios superior; atuação em cursos *lato sensu* e *stricto sensu*; pesquisas acadêmicas; instituições de memória, salvaguarda de acervos arqueológicos e divulgação de conhecimento na área; órgãos estatais; empresas privadas através das atividades de consultoria; etc. Uma mudança legal estabelecida na Portaria Nº 230, de 2002, emitida pelo IPHAN, determinou a necessidade de elaboração e execução de um Programa de Educação Patrimonial junto com as pesquisas arqueológicas desenvolvidas. Com isso, os arqueólogos brasileiros passaram a ter responsabilidades que incluem não somente a produção das informações científicas, mas também o envolvimento da comunidade na gestão do patrimônio, a realização e a promoção

de processos e práticas educativas envolvendo o patrimônio arqueológico. Tal mudança ampliou significativamente as possibilidades de atuação profissionais na área, abrangendo assim a denominada Educação Patrimonial. Além disso, este cenário reforça o papel político e a emergência social da produção de conhecimento em Arqueologia.

A exigência de EIA-RIMA para implantação de grandes obras de engenharia obrigou, desde 1986, a implementação, por parte dos empreendedores, de medidas minimizadoras de impactos socioambientais, incluindo o patrimônio arqueológico. Nessa conjuntura houve o exponencial crescimento da demanda por profissionais da área para realização de consultorias especializadas. No Brasil, até o ano de 2010 cerca de 95% dos profissionais da área trabalhavam em atividades de consultoria, envolvendo EIA-RIMA. Poucos anos depois, diante o cenário de retração econômica provocada pelas mudanças dos rumos políticos pelas quais o país passou, recessão econômica mundial e a pandemia de COVID 19 o cenário apresentou mudanças e tais profissionais buscam construir outras possibilidades de atuação. Recentemente, o país voltou a apresentar um projeto de crescimento e novas políticas de desenvolvimento nacional, incluindo a retomada dos investimentos em infraestrutura. Esse horizonte de expectativas que se desenha possivelmente apresentará novas demandas por profissionais.

Em muitos países, tanto na Europa como na América do Norte, o desenvolvimento da Arqueologia esteve e está na base da construção da ideia de nação, de patrimônio nacional e fornece uma fundamentação sólida para a afirmação dos valores étnicos e dos direitos próprios aos diferentes grupos que formam essas nações. No Brasil existia, entre parte da população, um sentimento de alienação com relação ao seu patrimônio, como se sua própria cultura não fosse, de modo algum, relevante ou digna de atenção. A Arqueologia, por suas características, exerce uma sensibilização no público, fornecendo elementos para a construção de identidades, promovendo a apropriação afetiva de estruturas e objetos onde sobrevivem os traços de nossos ancestrais, tornando-os patrimônio. Desta forma, os vestígios, as ruínas, as edificações, a cultura material como um todo tornam-se partes integrantes do nosso ambiente e da nossa vida. Eles passam a ser o nosso referencial de identidade.

Até 2013 acompanhamos o aumento do interesse pelo passado, por parte dos próprios brasileiros, evidenciado em exposições e mostras, programas e notícias veiculados pela grande mídia, que traziam informações sobre a Arqueologia nacional. Hoje, há uma disputa pelo passado, pois diferentes setores da sociedade reivindicam o direito à sua história. A Arqueologia, entre tantas outras possibilidades, trata de temas como, por exemplo: mundo do trabalho, escravidão, relações gênero, relações étnico-raciais e relações de poderes de forma geral. E, desta maneira, acaba exercendo um importante papel político e social diante a atual conjuntura nacional.

Desde 2006 vivenciamos a abertura de novos cursos de graduação em Arqueologia no Brasil e, atualmente, já somam quatorze o número de cursos. Até o surgimento desses cursos o caminho acadêmico para torna-se arqueólogo passava pelos cursos de mestrado e doutorado. Contudo, a Lei 13.653, de 18 de abril de 2018,

regulamentou a profissão de arqueólogo(a) e a abertura dos cursos de graduação tiveram um papel determinante para esse percurso de reconhecimento da profissão visto que um curso de Arqueologia vai ao encontro tanto de uma necessidade crescente em nossa sociedade de assumir as diversas heranças étnico-culturais responsáveis pela formação da nação, de possibilitar reflexões sobre nosso próprio tempo presente, quanto em resposta aos imperativos legais que impulsionam de diferentes formas a expansão de um mercado de trabalho específico.

A Arqueologia é uma ciência social interpretativa que pesquisa, através da cultura material, “a emergência, manipulação e transformação dos sistemas sócio-culturais através do tempo, cabendo-lhe investigar, na longa duração, de que forma a cultura material manipulou e foi manipulada, moldou e foi moldada, direcionou e foi direcionada pelas forças envolvidas em sua construção” (LIMA, 2002, p. 118).

A cultura material é utilizada por diferentes atores sociais para controlar e resistir ao poder, sendo um meio privilegiado através do qual as relações sociais são mantidas ou transformadas. Com isto pode-se afirmar a importância social da Arqueologia, especialmente como ferramenta favorecedora em processos de inclusão. Da mesma forma, a Arqueologia tem se preocupado com os usos sociais do passado, integrando-se à discussão sobre o que é patrimônio cultural e suas implicações nos processos de construção de identidades sociais, bem como na função do patrimônio na percepção do papel sócio-histórico dos sujeitos sociais e suas culturas materiais.

A pesquisa, gerenciamento e divulgação de um patrimônio disperso e, muitas vezes, desconhecido, é fundamental neste processo. Ao mesmo tempo, estas ações são importantes na medida em que os indivíduos precisam, para se reconhecerem e se diferenciarem de outros, de um “espelho” onde seja possível ver a própria vida, a própria cultura, a própria história, e as próprias práticas, e, com isto, construir a sua memória afetiva e sua identidade cultural.

Fazer Arqueologia inclui saber que não há trabalho arqueológico que não implique em patrimônio e em socialização do patrimônio e do conhecimento. Deste modo, a Arqueologia pode ser particularmente relevante para uma sociedade multicultural como é a brasileira.

### **3. CONCEPÇÃO DO CURSO: FUNDAMENTOS**

#### **3.1. Princípios Gerais**

“Os educandos não são vasos vazios a serem preenchidos com dados, mas como pensadores e agentes sociais (...) devem ser capazes de decifrar o mundo à sua volta (...) e, a fortiori, na Universidade deve-se, mais do que estudar, estudar para aprender a estudar, nas palavras de Antonio Gramsci (1979: 154)” (FUNARI, 2000). Considerando o que propõe Funari (2000), o curso de Arqueologia deverá enfatizar a interdisciplinaridade, oferecendo um currículo que apresente componentes curriculares ligados às diversas disciplinas formais. A natureza variável do vestígio arqueológico exigirá um estudo próprio resultando na

abertura necessária da Arqueologia ao diálogo interdisciplinar, dentro de um espírito real de 'Universidade', onde a fragmentação do saber não deveria ter lugar. A especificidade das fontes materiais, no entanto, não pode deixar de lado as reflexões de diversas ciências sobre o mundo material, da Semiótica à Física. Além disto, é importante manter sempre ligadas a prática arqueológica e a formação teórica. Os debates teóricos deverão ser amplos e intensos, vinculando sua discussão a momentos históricos específicos. A história da Arqueologia, no mundo e no Brasil, assim como das diferentes correntes interpretativas, deve estar no centro das preocupações curriculares. Segundo Funari (2000), “a teoria social, entendida como o imenso universo de reflexões da Sociologia, Antropologia, História, Filosofia e Lingüística, encontra-se no âmago mesmo da Arqueologia, ciência que estuda, afinal, a sociedade”.

Ainda, segundo o autor (FUNARI, 2000):

“A ciência não se confunde com a religião, nem, menos ainda, com o partido político e, por isso mesmo, os cursos e suas linhas de pesquisa mais do que homogêneos, “coerentes” e uniformes, devem abranger um grande espectro de concepções (...). No caso da Arqueologia, pragmatismo e ecletismo implicam, também, adotar terminologias vigentes, já que estão em uso, sem reificá-las, como se refletissem alguma realidade infável, reconhecendo as críticas e limites dos rótulos classificatórios. Pureza ideológica não condiz com ciência. O pluralismo parte da aceitação da diversidade de práticas e teorias (...), de campos de investigação e especialização, de vocações (...). A criatividade do educando expressa-se, assim, em sua capacidade de criar sua própria trajetória intelectual, pelo que a formação não é um aprendizado ou adestramento (...), mas uma verdadeira educação (...), desenvolvimento de uma capacidade interior de reflexão e ação críticas (...). Esse abrangente programa, proposto por Shanks, insere-se na sua constatação anterior de que a Arqueologia, além do estudo do antigo (este o sentido primevo da palavra), deve ser, também, o estudo do poder, recuperando o sentido original da palavra *arkhé*, em grego (Shanks e Tilley 1987; cf. Funari 1990).”

A proposta deste Curso de Bacharelado em Arqueologia, iniciado em 2008, foi consequência de um amplo debate estabelecido entre a comissão para elaboração da proposta de implementação do curso de Bacharelado em Arqueologia e profissionais desta área reconhecidos nacionalmente. Entre estes profissionais vale citar:

Professora Doutora Tânia Andrade Lima (Museu Nacional/UFRJ);

Professor Doutor Arno Alvarez Kern (PUCRS);

Professor Doutor Klaus Hilbert (PUCRS);

Professora Doutora Silvia Copé (UFRGS);

Professora Doutora Fernanda Tocchetto (Museu Joaquim José Felizardo/PMPA).

Naquela ocasião, foram analisadas as matrizes curriculares dos cursos de graduação em Arqueologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGO) e da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), sendo estes os dois únicos cursos em atividade, naquele momento, no Brasil. Analisaram-se, também, as disciplinas desenvolvidas nos cursos de *Licenciatura en Antropología, Orientación Arqueología* da *Facultad de Ciencias Sociales da Universidad Nacional Del Centro de La Provincia de Buenos Aires*, na Argentina, além das disciplinas dos cursos de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), foi acordado, naquela ocasião, que o Projeto Pedagógico deveria atender aos seguintes princípios:

- 1) Existência de um percurso formativo onde os conceitos de Patrimônio, Memória e Identidade, entendidos a partir da perspectiva da diversidade, fossem os elementos centrais e a linha norteadora na problematização e convergência das disciplinas do curso;
- 2) Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- 3) Ênfase na transdisciplinaridade, através do diálogo entre diferentes campos de saber, buscando a superação da visão fragmentada do conhecimento;
- 4) Ênfase na autonomia do sujeito face ao seu próprio processo de aprendizagem, através da flexibilidade - possibilitando ao aluno definir, em parte, o seu percurso de aprendizagem - e da mobilidade - favorecendo a circulação dos estudantes intra e inter- institucionalmente
- 5) Ênfase no pensamento crítico e reflexivo, sem descuidar o campo das técnicas arqueológicas; com predomínio da formação sobre a informação.

Definidos o perfil do egresso e os princípios para a estrutura curricular, passamos a constituir o quadro de sequência lógica do curso (QSL), entendido como o arranjo capaz de atender tais princípios e possibilitar uma formação condizente com o perfil traçado. Nesta etapa dos trabalhos, convidamos a Professora Doutora Tânia Andrade Lima, de reconhecida trajetória na área da Arqueologia, com sua experiência acadêmica e docente, que, naquela ocasião, incluía 17 anos como graduada e, posteriormente, professora do extinto curso de graduação em Arqueologia da Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, além de vasta experiência como professora de diversos cursos de Pós-Graduação em Arqueologia no Brasil, para contribuir na elaboração desta proposta. Desta consultoria resultaram várias sugestões e a maior parte delas foram incorporadas pela Comissão. Portanto, a grade que apresentamos em 2008 foi fruto de um profícuo exercício acadêmico que pretendeu estabelecer significativas relações entre disciplinas, carga horária, temas, vivências, expectativas e demais elementos que se constituem enquanto currículo.

Desde a criação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) original em 2008 até o ano de 2023, o número de cursos de graduação em Arqueologia no Brasil subiu para 13 (treze), além de 1 (um) curso de Antropologia com linha de formação em Arqueologia. De acordo com Bezerra (2008), o curso da FURG, desde sua criação, mostrava um perfil bem marcado, uma vez que se fundamentava em duas linhas mestras de atuação: Sociedades Pré-Coloniais e Arqueologia do Capitalismo. Linhas estas que, na nova proposta do PPC, foram extintas pois, entre outros motivos explicitados nas justificativa de atualização do PPC a seguir, entendemos que a formação em Arqueologia deve ser mais abrangente do que o estudo de apenas estas duas linhas – fato evidenciado pelas múltiplas especialidades do corpo docente que integra o curso atualmente. Neste sentido, os ajustes realizados neste PPC são um avanço para uma nova identidade do curso de Arqueologia da FURG, mais multi e interdisciplinar, permitindo aos discentes uma maior liberdade na formação do seu próprio currículo. Em acordo com Bezerra (2009, p. 150-151), as estruturas curriculares dos cursos de formação em Arqueologia são construídas a partir de uma determinada visão de Arqueologia. O atual quadro de disciplinas do curso de Arqueologia da FURG denota esta nova identidade do curso. Ainda de

acordo com Bezerra (2009), o currículo pode ser entendido como um artefato, um documento da nossa identidade como arqueólogos e arqueólogas.

Hoje, percorridos 15 anos da implementação deste Curso, nossa concepção segue os mesmos princípios fundamentais apontados naquela ocasião. Todavia, o percurso das trajetórias acadêmicas, as mudanças intrínsecas à estrutura do curso (e.g. alteração do quadro docente e da infraestrutura disponível para o curso) e a constante consonância com o PPI-PDI da FURG, nos mostraram a necessidade de ajustes importantes como forma de atender as demandas de uma formação que, assim como qualquer outra, é tão dinâmica quanto o seu tempo e a sociedade na qual está inserida. Considerando os dados apresentados por Gaspar et al. (2020), dos 607 profissionais formados em Arqueologia entre 2010 e 2018 no Brasil, 107 (~18%) foram formados na região Sul. Neste sentido, os ajustes também se mostram necessários uma vez que o curso de Arqueologia da FURG se mostra como o principal formador de profissionais em Arqueologia a partir da graduação na região Sul do país desde 2008, dado o fato de que, por mais de uma década, este foi o único curso de graduação em Arqueologia de toda a região Sul.

Assim, apesar de seguirmos a mesma concepção fundante, diante mudanças, como já citadas, do nosso quadro docente, do surgimento de outros cursos de graduação em Arqueologia no país, da regulamentação dos profissionais em Arqueologia, da modificação de cenários políticos e econômicos do país e, conseqüentemente, do mercado de trabalho, organizamos esta reforma no PPC, justamente por entender que tal dinâmica faz parte da maturidade dos debates no curso, em especial em seu Núcleo Docente Estruturante (NDE).

## **3.2. Objetivos do curso**

### *3.2.1 Objetivo Geral*

Oportunizar a formação superior de bacharel em Arqueologia, considerando como princípio fundamental a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, buscando:

- 1) A produção do conhecimento;
- 2) A focalização na interdependência entre as diferentes áreas do saber;
- 3) A consideração da diversidade cultural como um princípio básico;
- 4) A reflexão sobre as práticas sociais vinculadas aos conceitos de patrimônio e memória, ou seja, o conjunto de referências materiais e não-materiais definidoras da identidade dos diferentes grupos humanos, no tempo e no espaço;
- 5) A percepção da importância da Arqueologia nos processos de inclusão social e como favorecedora do exercício da cidadania;
- 6) A visão da Arqueologia como construção narrativa condicionada pelos contextos político e ideológico em que está inserida, sendo, portanto merecedoras de extensa atenção crítica.

### 3.2.2 *Objetivos Específicos*

- 1) Fornecer aos estudantes uma sólida base teórica que lhes possibilite buscar o instrumental necessário para ampliar sua compreensão das complexidades que envolvem a prática arqueológica;
- 2) Enfatizar a importância das ligações interdisciplinares;
- 3) Considerar que a patrimonialização dos objetos e das paisagens é parte integrante do ofício arqueológico;
- 4) Fornecer uma sólida formação para atuação profissional no complexo, exigente e dinâmico mundo da Arqueologia pública;
- 5) Desenvolver um ambiente para o livre pensar sobre a prática arqueológica e suas possibilidades enquanto elemento importante na construção da cidadania e da justiça social;
- 6) Contribuir para o aperfeiçoamento dos profissionais que atuam no campo da Arqueologia;
- 7) Atender a demanda regional por qualificação de recursos humanos na área da Arqueologia;
- 8) Consolidar a Universidade Federal do Rio Grande como instituição qualificada na formação de profissionais na área da Arqueologia.

### 3.3 **Perfil do profissional**

No âmbito da concepção do PPI da FURG, os egressos do curso de bacharelado em Arqueologia deverão ser profissionais participantes, criativos, críticos e conscientes dos atuais desafios do mundo contemporâneo, de modo a tornar a própria universidade mais atenta aos problemas nacionais, regionais e comunitários, ao mesmo tempo em que divulga e amplia o patrimônio cultural da humanidade.

A profissão de arqueólogo e arqueóloga foi regulamentada na Lei 13.653, de 18 de abril de 2018, que, de maneira geral, apresenta como atribuições profissionais:

- 1) Planejar, organizar, administrar, dirigir e supervisionar as atividades de pesquisa arqueológica;
- 2) Identificar, registrar, prospectar, escavar e proceder ao levantamento de sítios arqueológicos;
- 3) Executar serviços de análise, classificação, interpretação de informação científica de interesse arqueológico;
- 4) Zelar pelo bom cumprimento da legislação que trata das atividades de Arqueologia no País;
- 5) Chefiar, supervisionar e administrar os setores de Arqueologia nas instituições governamentais de administração pública direta e indireta, bem como em órgãos particulares;
- 6) Prestar serviços de consultoria e assessoramento na área de Arqueologia;
- 7) Realizar perícias destinadas a apurar o valor científico e cultural de bens de interesse arqueológico, assim como sua autenticidade;
- 8) Orientar, supervisionar, e executar programas de formação, aperfeiçoamento e especialização de pessoas habilitadas na área de Arqueologia;

- 9) Orientar a realização de seminários, colóquios, concursos, exposições de âmbito nacional ou internacional, na área de Arqueologia, fazendo-se nelas representar;
- 10) Elaborar pareceres relacionados a assuntos de interesse na área de Arqueologia;
- 11) Coordenar, supervisionar e chefiar projetos e programas na área de Arqueologia.

Tal perfil atende ao que é explicitado no Projeto Pedagógico Institucional da FURG, quando define o que deve apresentar o egresso da universidade.

### **3.4 Campos de atuação do egresso**

Profissionais da área podem atuar tanto em universidades (onde pesquisa é financiada pelas próprias instituições ou por órgãos federais, como o CNPq, Capes ou pelas fundações estaduais de amparo à pesquisa que disponibilizam recursos financeiros e bolsas de diferentes categorias visando a formação e a capacitação profissional), museus, como também em empresas, por meio da Arqueologia de contrato (ou consultiva). Os egressos poderão atuar, a partir da formação oferecida pelo curso e respeitada a legislação em vigor, em qualquer espaço que necessite da intervenção de profissionais da área podendo ainda prestar serviços técnicos e de consultoria especializada em qualquer instituição vinculada direta ou indiretamente à proteção, documentação, conservação, pesquisa e difusão dos patrimônios. É importante ainda ressaltar o trabalho do arqueólogo em ações educativas, realizadas principalmente junto às comunidades onde se encontram os sítios arqueológicos e em espaços educacionais formais (escolares) ou não.

### **3.5 Competências e habilidades**

A formação e o exercício profissional de bacharéis em Arqueologia se dão a partir da busca da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, segundo os princípios norteadores das ações da FURG, com base em conhecimentos de natureza cultural, ética, técnica e científica. Para tanto, deverá apresentar as seguintes competências e habilidades:

- 1) Reconhecimento e respeito para com a diversidade cultural e atuação de forma compatível com essa diversidade;
- 2) Posse de um forte senso de criatividade da atividade arqueológica;
- 3) Compreensão da natureza não renovável dos sítios arqueológicos e dos materiais neles encontrados entendidos como direito e patrimônio coletivo;
- 4) Domínio consistente de uma base teórica e metodológica do saber arqueológico, bem como de outros saberes fronteiriços a este, que lhe permitam desenvolver um pensamento crítico e construtivo com capacidade reflexiva de atuação nos contextos das pesquisas de campo e de laboratório;
- 5) Competência na articulação entre teoria, pesquisa e prática social;
- 6) Domínio de técnicas laboratoriais concernentes à produção e aplicação do conhecimento arqueológico;

- 7) Conhecimento da legislação sobre patrimônio cultural e sua aplicação;
- 8) Competência no desenvolvimento da pesquisa, da produção do conhecimento e da sua difusão não só no âmbito acadêmico, mas também em instituições de ensino, em museus, em órgãos de preservação de documentos e no desenvolvimento de políticas e projetos de gestão do patrimônio cultural;
- 9) Pensamento crítico e autônomo para realizar escolhas entre as várias perspectivas teóricas e metodológicas que compõem a disciplina;
- 10) Acompanhamento das transformações acadêmicas e científicas da Arqueologia e de áreas afins, mediante a análise crítica da literatura especializada com o propósito de contínua atualização e produção acadêmica e profissional.
- 11) Trânsito pelas fronteiras da Arqueologia com outras áreas do conhecimento, como Antropologia, História, Filosofia, Biologia, Geologia, Geografia, Ciências da Informação, dentre outras.

### **3.6 Funcionamento do curso (local, turno, período de ingresso e quantitativo de vagas/ano)**

O curso de Arqueologia funciona no Campus Carreiros da FURG, o regime de oferta de disciplinas é semestral e a matrícula é por disciplina. As disciplinas constantes do Quadro de Sequência Lógica (QSL) são ministradas no turno matutino e vespertino. São oferecidas 40 vagas anuais e o ingresso se dá no primeiro semestre do ano, via Sistema de Seleção Unificada (SISU) desenvolvido pelo MEC.

## **4. CURRÍCULO**

### **4.1 Considerações sobre a estrutura e dinâmica curricular**

Tradicionalmente, a Arqueologia tem sido dividida em Arqueologia Pré-Histórica e Arqueologia Histórica, a primeira referindo-se às sociedades sem escrita e a segunda referindo-se às sociedades letradas. Por outro lado, a partir dos anos 1990, uma forte corrente de estudiosos na América vem defendendo o capitalismo como o foco adequado da tradicionalmente chamada Arqueologia Histórica, que passou a ser considerada como o estudo “em termos históricos, culturais e sociais concretos dos efeitos do mercantilismo e do capitalismo que foi trazido da Europa em fins do século XV e continua até hoje” (ORSER, 1992, p. 3). Assim, a Arqueologia Histórica examina o capitalismo e seus vários componentes - colonialismo, imperialismo, industrialização, luta de classes e formações sociais - como temas históricos que não são propriamente nem “históricos” nem “antropológicos” apenas, mas ambos a uma só vez (ORSER, 1990). Esta Arqueologia preocupa-se fundamentalmente com o estudo do cotidiano, do popular e do prosaico. Consolidado, embora também criticado, preferimos adotar o termo a fim de não compactuar com a percepção etnocêntrica e binária que considera os povos que habitavam as Américas antes da conquista como povos sem história, em oposição aos com história. Por outro lado, ao fornecer acesso direto à vida cotidiana de todos os membros da sociedade, não apenas às elites letradas, como também camponeses,

mercadores, escravos, pobres, dando-nos acesso aos pontos de vista subalternos e superando o viés da escrita” (ORSER, 1990), esta Arqueologia procura o comprometimento social. Ela “abre a oportunidade para os arqueólogos confrontarem suas evidências de uma perspectiva crítica, observando as contradições tanto no passado como no presente (...). A Arqueologia brasileira tem, hoje, uma oportunidade sem igual de se engajar na recuperação dos grupos subalternos e de lutar por liberdade” (FUNARI, 2008, p. 146).

O curso de Bacharelado em Arqueologia, conforme sua concepção e princípios norteadores, está estruturado em disciplinas de formação técnica e teórica, possuindo um forte caráter transdisciplinar, cuja unidade se estabelece a partir da percepção da diversidade cultural expressas a partir da conceituação dos dois campos já mencionados: Arqueologia das Sociedades Pré-coloniais Americanas e Arqueologia do Capitalismo. Assim, o curso apresenta um conjunto de disciplinas de conteúdos fundamentais, que fornece a base para a autonomia intelectual do profissional competente e os conhecimentos indispensáveis da área de formação específica. Apresenta, também, um conjunto de disciplinas que reúne os conhecimentos particulares dos distintos campos temáticos e que envolve o desenvolvimento de competências que caracterizam e diferenciam um profissional. Além disso, há um grupo de disciplinas optativas que favorece a realização de diferentes itinerários formativos, garantindo o princípio de flexibilidade curricular.

Ao longo do percurso formativo no curso de Arqueologia serão desenvolvidos conhecimentos, vivências e reflexões sistematizadas acerca das temáticas das políticas de educação ambiental, de educação em direitos humanos e de educação das relações étnico-raciais, em atendimento às leis e resoluções que regulamentam a inclusão destas temáticas nos currículos oficiais da rede de ensino. Tais temáticas serão contempladas através de discussões e reflexões despertadas especialmente nas disciplinas “Arqueologia e Educação”, “Etnologia Ameríndia”, “Arqueologia da Diáspora Africana” e “Ambientes e Aprendizagens”, bem como nas ações extensionistas a partir da vivência e do aprofundamento de temáticas interdisciplinares que integram as dimensões étnico-raciais, socioeconômicas, culturais, ambientais e educacionais. Além disso, em consonância com as políticas públicas no campo da educação inclusiva, o ensino de Libras será oportunizado aos estudantes do curso através da oferta de duas disciplinas, com distintas durações (semestral e anual), oferecidas pelo Instituto de Letras e Artes (ILA). O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e as Atividades Curriculares Complementares (ACC) também integram a estrutura curricular do curso.

Além disso, em atenção à necessidade da curricularização da extensão, conforme a Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018 do Conselho Nacional da Educação (CNE), a Resolução nº 29 de 25 de março de 2022 COEPEA/FURG e da Instrução Normativa nº 01 de 8 de abril de 2022 da PROEX\PROGRAD, o curso de Bacharelado em Arqueologia prevê a oferta de três componentes de extensão universitária, orientadas pelos seguintes contextos: a divulgação científica, o ambiente escolar e as comunidades. A Arqueologia viveu uma expansão vigorosa de atividades de Educação Patrimonial em função da exigência do cumprimento da legislação relativa ao Licenciamento Ambiental. Desde 2002 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional IPHAN estabeleceu via Portaria 230 as regras para o Laudo Arqueológico no escopo dos Estudos de Impacto Ambiental e nos Relatórios de Impacto Ambiental - EIA/RIMA. Nesta normativa constava a obrigatoriedade de realização de Programa de Educação Patrimonial por parte das equipes de Arqueologia. Por mais de uma década arqueólogos e arqueólogas se viram diante do desafio de realizar projetos de Educação Patrimonial diferentes públicos, tais como estudantes, trabalhadores de obras e comunidades locais. Assim, houve um ambiente propício para experimentar metodologias e refletir sobre a comunicação, a divulgação científica e os aspectos políticos presentes nos contextos dos empreendimentos. O resultado foi um crescente debate no campo da Arqueologia sobre questões pedagógicas e didáticas, produção de material de ensino e de divulgação científica, além do compromisso social dos arqueólogos e arqueólogas. Todos estes aspectos estão presentes nos componentes curriculares de extensão criados para o Bacharelado em Arqueologia. São eles: Extensão em Arqueologia Comunitária (6º semestre); Extensão em Divulgação Científica na Arqueologia (7º semestre); e Extensão em Arqueologia na Prática Escolar (8º semestre). Suas ementas objetivam oportunizar aos discentes ações com ênfase na interface entre os campos da Arqueologia, da Educação e do Patrimônio Cultural; nos distintos modos de divulgação do conhecimento arqueológico para o público em geral; no diálogo intercultural e a produção compartilhada de saberes; de forma a garantir a interdisciplinaridade na formação acadêmica, a vivência em campo e a integração com a comunidade local. Para integralizar os créditos de cada um dos componentes o discente deverá estar matriculado e participar ativamente das atividades propostas pelos discentes na forma de ações de extensão. Portanto, o curso será constituído de 41 disciplinas obrigatórias (incluindo os componentes curriculares de extensão), ou 147 créditos (2205 horas), e, no mínimo, 6 (seis) optativas, ou 18 créditos (270 horas). O Trabalho de Conclusão de Curso deverá totalizar 15 créditos (225 horas) e as Atividades Curriculares Complementares, 130 horas. Cada um desses componentes curriculares - disciplinas, TCC e ACC - é descrito em seções próprias, neste documento. O Quadro de Sequência Lógica (QSL), devido ao seu formato, foi incluído como anexo (ANEXO I). O título conferido ao concluinte é o de Bacharel em Arqueologia.

#### **4.2 Adequação do PPC com as diretrizes curriculares para o curso**

Ainda que o curso de Bacharelado em Arqueologia não seja regulamentado, seguimos o que dispõe o Parecer CNE/CES nº 329/2004, onde a nenhum curso de graduação foi atribuída carga horária menor de 2.400 horas-aula. O curso prevê uma carga horária de 2.605 horas-aula, cumprindo, portanto, aquela exigência. Esta carga horária foi distribuída entre disciplinas obrigatórias, disciplinas optativas, trabalho de conclusão de curso e atividades curriculares complementares. No âmbito das disciplinas obrigatórias, está prevista a oferta de três componentes curriculares de extensão (totalizando 270 horas), de modo a atender às já referidas Resoluções nº 07/2018 e nº 029/2022 e à Instrução Conjunta 01/2022 que dispõe que a carga horária mínima exigida para ações de extensão seja de 10% da carga horária total do curso.

## **5. CARACTERIZAÇÃO DAS DISCIPLINAS DA GRADE CURRICULAR**

O ementário geral das disciplinas, com as respectivas unidades acadêmicas, códigos, duração, caráter, localização no QSL, carga horária, créditos, sistema de avaliação, existência ou não de pré-requisitos, ementas e bibliografias básica e complementar, encontram-se em anexo a este documento (ANEXO II).

## **6. PESSOAL DOCENTE**

Adriana Fraga da Silva

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

<http://lattes.cnpq.br/1147038336230621>

Adriana Saccol Pereira

Doutora em Biologia Animal pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

<http://lattes.cnpq.br/9526881746938521>

Alex da Silva Martire

Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP)

<http://lattes.cnpq.br/2974994861825943>

Artur Henrique Franco Barcelos

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

<http://lattes.cnpq.br/3436223034993472>

Beatriz Valladão Thiesen

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

<http://lattes.cnpq.br/9251028581803426>

Danilo Vicensotto Bernardo

Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP)

<http://lattes.cnpq.br/6865729607115924>

Gianpaolo Knoller Adomilli

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

<http://lattes.cnpq.br/9569795422929763>

Gustavo Ruiz Chiesa

Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/1036421275856987>

João Carlos Moreno de Sousa

Doutor em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/6851252332629543>

Martial Raymond Henri Pouguet

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

<http://lattes.cnpq.br/5106196084972802>

Mártin César Tempass

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

<http://lattes.cnpq.br/9787826180036753>

O curso ainda conta com um corpo docente responsável por atuar em disciplinas específicas vinculadas a outras unidades acadêmicas – Instituto de Oceanografia (IO), Escola de Engenharia (EE) e Instituto de Letras e Artes (ILA) – e em outros cursos e áreas da própria unidade.

## **7. ORGANIZAÇÃO DE ACC'S E TCC**

### **7.1 Atividades Curriculares Complementares (ACC's)**

As atividades complementares visam ampliar as oportunidades de interação entre estudantes e diferentes outros domínios disciplinares, ambientes institucionais e realidades socioeconômico e culturais, de modo a que ele próprio seja o mais efetivamente sujeito de sua formação profissional. Para isto, mediante proposta de sua iniciativa, nos termos de regulamentação de competência do Núcleo Docente Estruturante do curso de Bacharelado em Arqueologia, o/a estudante poderá participar de diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão extracurriculares. Tais atividades compreendem: participação em projetos e eventos, apresentação e publicação de trabalhos, estágios voluntários, remunerados, cursos de curta duração em temas pertinentes à área etc.

As atividades complementares observam os princípios e diretrizes do PPI da FURG, nos termos do Regimento Geral da Universidade e das deliberações dos conselhos superiores aplicáveis ao caso. A tabela de ACC's encontra-se em anexo a este documento (ANEXO III).

### 7.1.1 Estágios

Sugere-se que o estudante, no âmbito das atividades complementares de sua formação, participe de realize estágios (remunerados ou voluntários) em diferentes setores e instituições, para além da própria FURG e do próprio Curso, como por exemplo: empresas de consultoria arqueológica; instituições de memória, acervos e reservas técnicas; movimentos sociais; gestão; instituições de pesquisa, e outros espaços que lhe proporcionem aprimorar e vivenciar seu futuro exercício profissional. Todavia, o curso de Bacharelado em Arqueologia da Furg não impõe tal experiência (o estágio) como parte obrigatória da integralização curricular.

### 7.2 Trabalho de Conclusão de Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visa proporcionar ao educando o exercício o mais plenamente possível de sua competência intelectual, desenvolvida e aprimorada ao longo do curso. Com esta finalidade, o TCC foi concebido e organizado em três disciplinas obrigatórias comuns – TCC I, oferecida no 6º período, TCC II, oferecida no 7º período, e TCC III, oferecida no 8º período . Com o desdobramento do TCC em três disciplinas pretende-se adequar esta atividade, na sequência curricular, aos três momentos cruciais de sua realização: 1) a elaboração do projeto; 2) a execução da pesquisa; e 3) a elaboração/redação e defesa do TCC.

A regulamentação do TCC observa os princípios e diretrizes do PPI da FURG, competência que é da alçada do Núcleo Docente Estruturante do curso de Bacharelado em Arqueologia, que elaborou sua regulamentação nos termos do Regimento Geral da Universidade e das deliberações dos conselhos superiores aplicáveis ao caso. As normas do TCC encontram-se em anexo a este documento (ANEXO IV).

## 8. INSTALAÇÕES FÍSICAS ESPECÍFICAS

Para realização de suas atividades, o curso dispõe de quatro salas de aula, três salas de permanência para professores, uma reserva técnica para materiais arqueológicos e dos seguintes laboratórios e núcleos de pesquisa:

**Nome:** ARISE – Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas

**Coordenação:** Alex Martire

**Descrição:** Laboratório de arqueologia digital voltado para digitalização, impressão 3D e desenvolvimento de interatividades digitais em tempo real.

**Principais equipamentos instalados<sup>1</sup>:** 1 computador Positivo com teclado e mouse; 1 Computador Mancor com teclado, mouse, fone de ouvido, webcam e controle; 1 Impressora 3D; 1 Setup de iluminação para fotos e fotogrametria; 1 Tripé para câmera fotográfica.

**Capacidade de atendimento:** 03 pessoas

---

<sup>1</sup> Todos os equipamentos do ARISE listados acima pertencem ao coordenador deste laboratório, com exceção do primeiro item informado.

**Área física disponível:** 8 m<sup>2</sup>

**Nome:** H.E.C.A.T.E.U. – História e Cartografia Americana: Espaço, Territórios e Urbanismo

**Coordenação:** Artur Henrique Franco Barcelos

**Descrição:** O Laboratório H.E.C.A.T.E.U. se constitui em um laboratório dedicado à pesquisa-ensino-extensão de temas ligados à cartografia histórica, mapas históricos, plantas urbanas, Atlas gerais e escolares, globos e demais elementos de representação espacial histórica e geográfica. Se dedica também ao uso destes elementos como objetos de arte e divulgação científica, bem como no âmbito do marketing contemporâneo. A cartografia histórica é igualmente objeto de estudo de sua relação e uso com pesquisas arqueológicas e antropológicas. A ênfase se dá sobre representações de espaços americanos, sem desconsideradas outras áreas do globo terrestre.

**Principais equipamentos instalados:** 2 computadores, filmadora digital, aparelho de TV tela plana 40”, 2 armários, estantes, mesa e cadeiras.

**Capacidade de atendimento:** 8 pessoas

**Área física disponível:** 25 m<sup>2</sup>

**Nome:** LAPEEX – Laboratório de Arqueologia e Pré-história Evolutiva e Experimental

**Coordenação:** João Carlos Moreno

**Descrição:** O LAPEEX tem os seguintes objetivos: a) Realizar pesquisas arqueológicas focadas na Pré-História geral do Velho Mundo (com ênfase nas culturas do Paleolítico e nos primeiros Homo) e na História Pré-Colonial das Américas (com ênfase nas primeiras ocupações do continente e nas ocupações costeiras); assim como pesquisas interdisciplinares sobre Evolução Biocultural Humana, Zooarqueologia, Tecnologia Lítica, Arqueologia Experimental, e Divulgação Científica da Arqueologia, buscando uma maior aproximação entre a academia e sociedade; b) Promover a comunicação dos resultados de pesquisa para a comunidade acadêmica e outros grupos interessados, através de congressos e eventos nacionais e internacionais, fomentando o intercâmbio de conhecimento; c) Promover a divulgação científica da arqueologia e da pré-história para o público leigo, em especial dos estudos realizados pela equipe do LAPEEX, em meio físicos e virtuais; d) Realizar atividades de ensino e extensão sobre os temas de foco do LAPEEX; e) Prestar assessoria técnica e científica a outras instituições de ensino e/ou de pesquisa pública ou privadas atuando na área da cultura e do patrimônio cultural; f) Apoiar o ensino e a pesquisa de graduação e pós-graduação; g) Captar recursos para a realização de pesquisas e divulgação, fomentando a publicação junto a instituições de fomento nacionais e estrangeiras

**Principais equipamentos instalados:** 2 armários de madeira, equipados com material de escritório e análises laboratoriais (paquímetros, luvas, máscaras, pinças, pinceis, lupas, etc.); 2 armários de ferro, para livros; 5 estantes de ferro, para disposição de coleções de referência e coleções arqueológicas que, porventura, estiverem sob curadoria e análise por parte dos pesquisadores e estudantes associados ao LAPEEX; 1 mesa com 3 nichos, dos quais dois são destinados para uso livre para pesquisadores associados e um para uso comum do computador; 1 computador constituído de um antigo CPU, um teclado, mouse e monitor; 1 mesa retangular grande, destinada para curadoria e análise de materiais arqueológicos, além de atividades práticas de ensino; 2 mesas retangulares pequenas, sendo uma destinada a um(a) pesquisador(a) associado(a) e outro destinado ao/à coordenador(a); 4 cadeiras; 1 monitor destinado à extensão das imagens de notebooks.

**Capacidade de atendimento:** 12 pessoas

**Área física disponível:** 41,97 m<sup>2</sup>

**Nome:** L'ARTE – Laboratório de Arqueologia das Técnicas e Etnoarqueologia

**Coordenação:** Martial Pouquet

**Descrição:** Realizar pesquisas arqueológicas focadas nas técnicas e tecnologias de produção (análises de materiais, experimentação, observação etnoarqueológica, etc.). Realizar pesquisas e desenvolvimento de metodologias e tecnologias de análises aplicadas à arqueologia. Promover a divulgação dos resultados das pesquisas nele desenvolvidas. Promover a divulgação do conhecimento arqueológico através de atividades de ensino e extensão. Prestar assessoria técnica e científica a outras instituições públicas ou privadas de

ensino e/ou pesquisa atuando na área da cultura e do patrimônio cultural. Apoiar o ensino e a pesquisa de graduação e pós-graduação.

**Principais equipamentos instalados:** Computadores completos (1), Lupas de bancada (5), GPS Garmin e-trex 10 (4).

**Capacidade de atendimento:** 12 pessoas

**Área física disponível:** 41,97 m<sup>2</sup>

**Nome:** LEAB – Laboratório de Estudos em Antropologia Biológica, Bioarqueologia e Evolução Humana

**Coordenação:** Danilo Vicensotto Bernardo

**Descrição:** O LEAB, ligado ao curso de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas, mantém suas iniciativas em Ensino, Pesquisa e Extensão, tendo, em sua essência, o objetivo de promover o desenvolvimento profissional e pessoal de seus integrantes, o enriquecimento teórico-metodológico das disciplinas que compõem o escopo de interesse científico do grupo, com vistas aos estudos da evolução biocultural humana, e o progresso humanístico da sociedade em que nos inserimos. Para tanto, além das atividades tradicionais de apoio e suporte às demandas de ensino e pesquisa, o laboratório e seus membros atuam na publicação de artigos científicos e apresentações de trabalhos/comunicações em eventos nacionais e internacionais, articulação de redes de colaboração e atividades de comunicação e divulgação científica através de manutenção redes sociais próprias (Facebook, Twitter e Instagram). As redes sociais do LEAB podem ser acessadas em @leab\_furg (Twitter), facebook.com/leabfurg1/ (Facebook) e @leab.furg (Instagram). E-mail: leab.furg@gmail.com. Site institucional: leab.furg.br

**Principais equipamentos instalados:** O LEAB está instalado no hall de laboratórios do curso de Arqueologia, no Instituto de Ciências Humanas e da Informação no Campus Carreiros da FURG. Tem uma área dividida em três espaços: limpeza de materiais osteológicos (com 2 pias, área de secagem e mobiliário apropriado); estudos e trabalhos individuais (contando com mesas, cadeiras e armários, 2 computadores, 2 escâneres de mesa e uma minibiblioteca contando com cerca de 50 volumes além de por volta de 1000 separatas); e, aulas práticas, pesquisa e trabalhos coletivos (contendo mobiliário apropriado, como bancada e cadeiras). Completam a estrutura do LEAB: 2 moldes de esqueleto do corpo humano (um articulado e um desmontado) em tamanho padrão (adulto médio, 1,70 m), 1 molde de esqueleto humano em miniatura, coleção odontológica de referência, coleção osteológica de animais domesticados (sem significado arqueológico) para referência e treinamento, além de mobiliário e material de consumo.

**Capacidade de atendimento:** 25 pessoas

**Área física disponível:** 51,11 m<sup>2</sup>

**Nome:** Liber Studium – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo

**Coordenação:** Beatriz Valladão Thiesen

**Descrição:** O Laboratório de Arqueologia do Capitalismo – LIBER STUDIUM – objetiva realizar pesquisas arqueológicas enfocando as questões vinculadas ao capitalismo e seus vários componentes, desde o final do século XIV, até hoje. Promover a divulgação dos resultados das pesquisas nele desenvolvidas. Promover a divulgação do conhecimento arqueológico através de atividades de ensino e extensão. Prestar assessoria técnica e científica a outras instituições de ensino e/ou de pesquisa públicas ou privadas atuando na área da cultura e do patrimônio cultural. Apoiar o ensino e a pesquisa de graduação e pós-graduação.

**Principais equipamentos instalados:** Computadores, forno para secagem de carcaças (arqueologia experimental e materiais de referência para zooarqueologia), secadora para material arqueológico, mesas de análise, arquivos, prateleiras para o acervo, pia para lavagem do material, geladeira para acondicionamento de alguns materiais perecíveis.

**Capacidade de atendimento:** 15 pessoas

**Área física disponível:** 42,44 m<sup>2</sup>

**Nome:** Lume – Observatório das Coisas Contemporâneas (LOCCO)

**Coordenação:** Adriana Fraga da Silva

**Descrição:** O *Lume* Observatório das Coisas Contemporâneas (LOCCO) estrutura-se como um espaço de pesquisa-ensino-extensão, congregando docentes e discentes, que tem como propósito observar o estado da

arte e fomentar estudos ligados às coisas contemporâneas. As problemáticas que envolvem tais materialidades convergem com os desafios de estudarmos, desde uma perspectiva arqueológica, as sociedades contemporâneas e suas tensões, considerando, inclusive, simetricamente humanos e não humanos, natureza e cultura; bem como superar os limites e/ou recortes cronológicos que, por fim, leva o LOCCO a fomentar o debate epistemológico da própria Arqueologia.

**Principais equipamentos instalados:** 1 computador c/ equipamento multimídia de vídeo-conferência, 1 impressora/scanner, armários, estantes, mesa e cadeiras.

**Capacidade de atendimento:** 12 pessoas

**Área física disponível<sup>2</sup>:** 25 m<sup>2</sup>

**Nome:** NECO – Núcleo de Estudos Saberes Costeiros e Contra-Hegemônicos

**Coordenação:** Gianpaolo Knoller Adomilli

**Descrição:** O Núcleo de Estudos Saberes Costeiros e Contra-Hegemônicos reúne pesquisadores e estudantes com a proposta de realização de estudos em torno da temática de saberes costeiros em geral e, mais especificamente, com enfoque junto coletivos que apresentam vínculos territoriais com os campos litorâneos do Bioma Pampa, sejam eles no meio rural, em cidades ou pequenos núcleos urbanos. Seus principais objetivos são: realização de estudos interdisciplinares, envolvendo principalmente antropologia, educação ambiental, arqueologia, artes visuais e etno-ciências, com foco em saberes costeiros; desenvolvimento de pesquisas etnográficas junto a grupos e coletivos que circulam e habitam os campos litorâneos do Bioma Pampa, tais como açorianos, afrodescendentes, ameríndios, pescadores e pequenos agricultores; análise e divulgação dos dados através de apresentação em congressos e outros eventos científicos, artigos, trabalhos de conclusão de curso de graduação, dissertações de mestrados, teses de doutorado, capítulos de livros, livros, web, exposições imagéticas, vídeos etnográficos; organização de eventos de porte local, nacional e internacional junto à academia, sociedade nacional e os coletivos pesquisados.

**Principais equipamentos instalados:** 1 computador c/ equipamento multimídia de vídeo-conferência, 1 impressora/scanner, armários, estantes, mesa e cadeiras.

**Capacidade de atendimento:** 12 pessoas

**Área física disponível<sup>1</sup>:** 25 m<sup>2</sup>

**Nome:** NUERS – Núcleo de Estudos em Antropologia e Arqueologia da Religião e do Sagrado

**Coordenação:** Gustavo Ruiz Chiesa

**Descrição:** O Núcleo de Estudos em Antropologia e Arqueologia da Religião e do Sagrado visa congregar pesquisadores/as, professores/as, graduandos/as e pós-graduandos interessados/as em refletir a respeito dos aspectos antropológicos e arqueológicos que caracterizam as mais variadas formas de manifestação do sagrado, com especial atenção às dimensões materiais, corporais e sensoriais que constituem as práticas, experiências e ambientes religiosos. Para isso, propõe a organização de encontros, seminários, disciplinas e publicações que buscam investigar os aspectos materiais e sensoriais que atravessam e constituem as variadas formas de manifestação religiosa no passado e no tempo presente, bem como refletir a respeito da indissociação entre corpo/mente, espírito/matéria, ser/ambiente, no âmbito da experiência religiosa, com atenção especial às relações entre espiritualidade e práticas de cuidado de si e do ambiente.

**Principais equipamentos instalados:** 1 computador c/ equipamento multimídia de vídeo-conferência, 1 impressora/scanner, armários, estantes, mesa e cadeiras.

**Capacidade de atendimento:** 12 pessoas

**Área física disponível<sup>1</sup>:** 25 m<sup>2</sup>

## 9. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E DO PROJETO PEDAGÓGICO

---

<sup>2</sup> Espaço físico e equipamentos compartilhados entre o LOCCO, o NECO e o NUERS, sendo utilizado para ministrar aulas da graduação e pós-graduação, reuniões dos grupos de estudos, reuniões individuais de orientação, reuniões de projetos de pesquisa e extensão, desenvolvimento de atividades de bolsistas e monitores e guarda de materiais didáticos.

### **9.1 Avaliação do processo de ensino-aprendizagem**

A avaliação é pensada a partir das necessidades específicas de cada componente curricular, buscando assegurar a autonomia docente, considerando os seguintes mecanismos de avaliação:

- 1) Diagnóstica: prevê um conjunto de atividades diagnósticas para conhecer o discente, suas aptidões, interesses, capacidades e competências enquanto pré-requisitos para atividades futuras.
- 2) Formativa: tem como meta verificar se as atividades que estão sendo desenvolvidas estão de acordo com o planejado inicialmente pelo docente.
- 3) Somativa: a ser realizada através de diferentes ferramentas que o professor poderá elaborar e aplicar com a finalidade de mensurar o processo de ensino e aprendizagem.

### **9.2 Avaliação do curso**

O Núcleo Docente Estruturante desempenha a função de avaliação do Projeto Pedagógico do Curso, com as seguintes finalidades:

- 1) Avaliação do processo de ensino e aprendizagem das/os discentes;
- 2) Acompanhamento contínuo da implementação do Projeto Pedagógico e suas atualizações;
- 3) Sistematização da documentação de avaliação e recepção da Comissão de Avaliação do Curso pelo MEC;
- 4) Acompanhamento dos egressos do Curso.

### **9.3 Avaliação institucional**

A avaliação da aprendizagem será feita de acordo com as deliberações baixadas pelo COEPEA – Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração da FURG.

A avaliação do PPC será feita de acordo com as diretrizes emanadas do CNE – Conselho Nacional de Educação, COEPEA e PROGRAD – Pró-Reitoria de Graduação, da FURG.

### **9.4 Funcionamento da coordenação do curso e suas atribuições**

A coordenação do curso é composta por um Coordenador e um Coordenador Adjunto com mandato de dois anos, sendo responsável pela organização e acompanhamento das atividades relacionadas ao curso de Arqueologia, a partir da convocação de reuniões mensais com o Núcleo Docente Estruturante (NDE) e o Comitê Assessor do Curso (esse último incluindo representantes do corpo discente) e criação de comissões voltadas para o aprimoramento do curso em relação ao planejamento curricular, desenvolvimento didático-pedagógico, normativas institucionais, monitoramento estudantil e outras demandas internas e externas ao curso. Para fins organizacionais, as demandas administrativas são atribuídas à gestão através do Comitê Assessor enquanto as didático-pedagógicas são geridas pelo NDE. A figura do coordenador é central às

duas instâncias, atuando como gestor das informações e ações deliberadas nestes dois colegiados. Adicionalmente, o coordenador atua como membro do Conselho Pleno do ICHI e da 5ª Câmara do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração e atende as diferentes demandas da Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD (com a participação no Comitê de Graduação – COMGRAD).

## 10. FONTES DE CONSULTA

BEZERRA, M. Bicho de nove cabeças: Os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil. *Revista de Arqueologia*, v. 21, n. 2, p. 139–154, 2008

FUNARI, P. P. Como se tornar arqueólogo no Brasil. *Revista USP*, 44, 74-85, 2000. LIMA, T. A. O papel da Arqueologia histórica no mundo globalizado. In: ZARANKIN, A.; SENATORE, M. X. (org.). *Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul*. Buenos Aires: Tridente Ediciones, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo A. Desaparecimento e emergência dos grupos subordinados na Arqueologia brasileira. *Horizontes Antropológicos* v. 8 n.18, p. 131-153, 2002.

GASPAR, M. V. et al. Quem somos nós? Ou perfis da comunidade profissional arqueológica no Brasil: primeiras aproximações. *Revista Habitus*, v. 18, n. 1, p. 146–178, 2020.

ORSER, C. Archaeological approaches to new world plantation slavery. In: SCHIFFER, M. B. (org.). *Archaeological Method and Theory* (vol. 2). Tucson: University of Arizona Press, 111-154, 1990.

ORSER, C. *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: Ed. Oficina dos Livros, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Plano de Desenvolvimento Institucional: 2015/2018. Disponível em <[http://www.pdi.furg.br/images/PPI-2011-2022\\_PDI-2015-2018.pdf](http://www.pdi.furg.br/images/PPI-2011-2022_PDI-2015-2018.pdf)>. Acesso em: 20/06/2023.

\_\_\_\_\_. Projeto pedagógico institucional. Rio Grande, 2015. Disponível em <[http://www.pdi.furg.br/images/PPI-2011-2022\\_PDI-2015-2018.pdf](http://www.pdi.furg.br/images/PPI-2011-2022_PDI-2015-2018.pdf)>. Acesso em: 20/06/2023.

## ANEXO I

### QUADRO DE SEQUÊNCIA LÓGICA DO BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

Período 1 CHT = 324 a	Período 2 CHT = 342 a	Período 3 CHT = 378 a	Período 4 CHT = 360 a	Período 5 CHT = 342 a	Período 6 CHT = 414 a	Período 7 CHT = 270 a	Período 8 CHT = 216 a
09506 Int. à Sociologia Semestral 3/54a = 45h	01046 Topografia I Semestral 4/72a = 60h	05128 Sist. de Inf. Geogr. Semestral 4/72a = 60h	10306 Teorias Arqueol. III Semestral 3/54a = 45h	10308 Arqueol. Capit. II Semestral 3/54a = 45h	10301 Tecnologias Cerâmicas Semestral 4/72a = 60h	10363 T. C. C. II Semestral 6/108a = 90h	10946 TCC III Semestral 6/108a = 90h
10286 Arq. Mundo Antigo Semestral 2/36a = 30h	05195 Geo. Bas. Arqueolog. Semestral 3/54a = 45h	10294 Fun. Est. Arqueol. Semestral 3/54a = 45h	10307 Arqueol. Capit. I Semestral 3/54a = 45h	10314 Met. Pes. Arq. II Semestral 4/72a = 60h	10302 Tecnologias Líticas Semestral 4/72a = 60h	10945 Etnoarqueologia I Semestral 3/54a = 45h	10957 Ext. Arqueol. Com. Semestral 6/108a = 90h
10311 Int. Arqueologia Semestral 3/54a = 45h	10297 His. Pen. Arqueol. Semestral 3/54a = 45h	10305 Teorias Arqueol. II Semestral 3/54a = 45h	10313 Met. Pes. Arq. I Semestral 4/72a = 60h	10468 Modern. e Capital. Semestral 4/72a = 60h	10303 Tec. Lou. Vid. Met. Semestral 4/72a = 60h	10956 Ext. Div. Cient. Arq Semestral 6/108a = 90h	101134 Etnoarqueologia II Semestral 3/54a = 45h
10463 Proc. Hominização Semestral 3/54a = 45h	10304 Teorias Arqueol. I Semestral 3/54a = 45h	10938 Des. Antrop. Cont. Semestral 3/54a = 45h	10939 Soc. Pré-Col. I Semestral 3/54a = 45h	10942 Soc. Pré-Col. II Semestral 3/54a = 45h	10362 T. C. C. I Semestral 3/54a = 45h	10323 Tóp Esp. Arq. Capit. Semestral 3/54a = 45h	10952 T.E. Antrop. II Semestral 3/54a = 45h
10935 Int. Est. Material. Semestral 3/54a = 45h	10464 Soc. Paleo. Neol. Semestral 3/54a = 45h	10941 Arqueol. e Leg. Semestral 4/72a = 60h	10940 Etnologia Ameríndia Semestral 3/54a = 45h	10943 Arqueol. Púb. Com. Semestral 2/36a = 30h	10944 Arqueol. e Educação Semestral 2/36a = 30h	10485 Sem. Arq. Brasileira Semestral 3/54a = 45h	10953 Antrop. Arqueol. Sens. Semestral 3/54a = 45h
10936 Int. Pens. Antropol. Semestral 4/72a = 60h	10937 Fund. Pesq. Etnog. Semestral 3/54a = 45h	15167 Fund. Arqueobotânica Semestral 4/72a = 60h	15168 Fund. Zooarqueologia Semestral 4/72a = 60h	12041 Bioarqueologia Semestral 3/54a = 45h	10955 Ext. Arque. Pr. Esc. Semestral 6/108a = 90h	10949 T.E. Arque. Cap. II Semestral 3/54a = 45h	10954 Arqueol. Diásp. Afri. Semestral 3/54a = 45h
06071 L. Francesa Inst. II Semestral 3/54a = 45h	06387 Ing. Instr. Leitura Semestral 3/54a = 45h	06386 LIBRAS Anual 4/144a = 120h		05196 Ger. Costeiro Integ. Semestral 4/72a = 60h	10319 História e Fotograf. Semestral 3/54a = 45h	10950 T.E. Antropologia I Semestral 3/54a = 45h	
	06497 LIBRAS I Semestral 4/72a = 60h	06365 Linguística I Anual 2/72a = 60h		10470 Arqueologia da Morte Semestral 3/54a = 45h	10322 Tó. Es. Arq. So. Pr-C Semestral 3/54a = 45h	10951 Antrop. Arque. Rel. Semestral 3/54a = 45h	
	10690 Intr. Ecol. Humana Semestral 4/72a = 60h	06388 Ing. Ins. Exp. Oral Semestral 3/54a = 45h	06070 L. Francesa Inst. I Semestral 3/54a = 45h	10481 Antropologia Visual Semestral 3/54a = 45h	10774 Processos Evolutivos Semestral 4/72a = 60h		
		09706 Filosofia da Ciência Semestral 3/54a = 45h	10482 Arqueologia Urbana Semestral 3/54a = 45h	10947 Ofic. de Etnografia Semestral 3/54a = 45h	10948 Amb e Aprendizagens Semestral 3/54a = 45h		
		10479 Reg. Plat. Colonial Semestral 3/54a = 45h	10483 Arqueologia Medieval Semestral 3/54a = 45h	15169 Tó. Es. Bi. Ap. Arq. Semestral 3/54a = 45h			
		10480 Arqueol. Paisagem Semestral 3/54a = 45h	10484 Arq. Col. Reg. Pla. Semestral 3/54a = 45h				
		10691 Intr. Est. Mét. Qua. Semestral 4/72a = 60h	10775 Intr. Antr. Bio. Semestral 4/72a = 60h				

## ANEXO II

### EMENTÁRIO DO BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

#### Período 1

**Disciplina: Introdução à Sociologia**

**Lotação:** ICHI      **Código:**09506      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 1º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Conceito de sociologia; contexto histórico do surgimento da sociologia; os percursos: iluminismo e positivismo, as teorias clássicas: integração social, conflito e transformação e sociologia compreensiva: teorias sociológicas contemporâneas; análises concretas sobre a sociedade.

**Bibliografia básica:**

QUINTANEIRO, Tania et al (org.). Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber. Belo Horizonte : Ed. da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2013.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Martin Claret, 2001.

**Bibliografia complementar:**

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.

MARTINS, Carlos Benedito. O que é sociologia? São Paulo: Brasiliense, 2013

**Disciplina: Arqueologia do Mundo Antigo**

**Lotação:** ICHI      **Código:**10286      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 1º semestre

**CH Total:** 30 **CH semanal:** 2      **Créditos:** 2

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** O contexto da modernidade até o século XX. O desenvolvimento da ciência arqueológica. Os primeiros exploradores europeus e os desenterramentos de estruturas relacionadas à povos da Antiguidade. As relações entre a Arqueologia e as práticas do Imperialismo europeu no século XIX. As imagens criadas sobre a Antiguidade e sobre a Arqueologia legadas pelos primeiros arqueólogos do século XIX e início do século XX.

**Bibliografia Básica:**

BICHO, Nuno Ferreira. Manual de Arqueologia Pré-Histórica. Edições 70, Lisboa, 2011

CATANI, Afrânio M. O que é Imperialismo. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1992.

São Paulo: Melhoramentos, 1973.

KERN, Arno A. Arqueologia: o futuro de nosso passado. Ed. FURG, Rio Grande 2022.

**Bibliografia Complementar:**

CERAM, C.W. O mundo da arqueologia: os pioneiros contam sua própria história

GOWLETT, John, Arqueologia das primeiras culturas. Ed. Folio, Barcelona, 2007.

MARTÍNEZ, Victir F. Una arqueologia crítica: ciencia, ética y política em la construcción del pasado. Crítica, Barcelona, 2006.

**Disciplina: Introdução a Arqueologia**

**Lotação:** ICHI      **Código:**10311      **Duração:** semestral  
**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 1º semestre  
**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3  
**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** O arqueólogo no imaginário popular ou o que a Arqueologia não é: da Arqueologia folclórica à Arqueologia científica. A necessidade da Arqueologia na sociedade. Objetos e o objeto da Arqueologia. Campos e tempos da Arqueologia. Reflexão sobre um reducionismo: a escavação não é Arqueologia.

**Bibliografia Básica:**

BAHN, Paul - Tudo o que você precisa saber sobre Arqueologia para nunca passar vergonha. Ediouro, 1993.

FUNARI, Pedro Paul - Arqueologia. Contexto Editora, 2003.

HODDER, Ian - Interpretación en arqueología. Corrientes actuales. Barcelona, Crítica/Grijalbo Mondadori, 1994.

RENFREW, Colin & BAHN, Paul – Arqueología. Teorías, métodos y práctica. Madrid, Akal, 2007.

TIGGER, Bruce G. - Historia del pensamiento arqueológico. Barcelona, Crítica/Grijalbo Mondadori, 1992.

**Bibliografia Complementar:**

BRUNEAU, Philippe & BALUT, Pierre-Yves - Artistique et archéologie. Paris, Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1997.

FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, Víctor M. – Uma arqueología crítica. Ciencia, ética y política en la construcción del pasado. Barcelona, Crítica/Grijalbo Mondadori, 2006.

GALICIA, Aline Lara – “El arte del espacio y el tiempo en arqueología”. Revista de Antropología Experimental, n.9, pp.: 207-223; Jaén, Universidade de Jaén, 2009.

LUCENA MARTÍN, Agustín M. – “La deconstrucción de la prehistoria”. AAC, n.12, pp.: 7- 11; 2001

PROUS, André – Arqueologia brasileira. Brasília, UNB, 1991.

**Disciplina: Processo de Hominização**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10463      **Duração:** semestral  
**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 1º semestre  
**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3  
**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** Não possui

**Ementa:** Análise das problemáticas e das diversas abordagens teórico-metodológicas relativas ao processo de hominização. Estudo das transformações ambientais do Quaternário, das transformações físicas do homem e do desenvolvimento das culturas humanas anteriores ao surgimento das sociedades urbanas: origens, áreas de dispersão, cronologia, mudanças ambientais e culturais (organização socioeconômica, cultura material, arte, crenças).

**Bibliografia Básica:**

BINFORD, Lewis R. En Busca del Pasado. Barcelona: Ed. Crítica, 1994.

BOYD, R & SILK, J. Cómo evolucionaron los humanos. Barcelona: Ed Ariel. 2000

CHILDE, Gordon. A Evolução Cultural do Homem. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

DENNEL, Robin. Prehistoria Económica de Europa. Barcelona: Ed. Crítica, 1987.

ELDREDGE, Niles & TATTERSAL, Ian. Os Mitos da Evolução Humana. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1984.

LEAKEY, Richard. A Origem da Espécie Humana. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

**Bibliografia Complementar:**

CHAMPION, T.; GAMBLE, C.; SHENNAN, S. & WHITTLE, A. Prehistoria de Europa. Barcelona: Ed. Crítica, 1996.

COHEN, Mark Nathan. La Crisis Alimentaria de la Prehistoria. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

HERRERA, M. C.; BRUNET, T. C; CASTRO, G. D. et al. Prehistoria. Madrid: Najera, 1987.

KI-ZERBO, J. (coord.). História Geral da África. Volume 1 - Metodologia e Pré História da África. Rio de Janeiro: Ed. Ática/ UNESCO, 1982.

**Disciplina: Introdução ao estudo da materialidade**

**Lotação:** ICHI **Código:**10935 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatório **Localização no QSL:** 1º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Materialidade como conceito, como objeto e fonte da/para Arqueologia. Materialidade como reflexo e produto da cultura. O corpo, a corporalidade, os artefatos e a paisagem como materialidades. Materialidades como agentes do mundo social. Os Estudos de Materialidade como campo interdisciplinar. Análise de materialidades em suas multiplicidades.

**Bibliografia Básica:**

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Cultura material e arqueologia histórica. Campinas: UNICAMP, 1998.

TILLEY, Christopher et al. (org.). Handbook of material culture. London: Sage, 2006.

DEETZ, James. In small things forgotten. New York: Anchor Books, 1997.

**Bibliografia Complementar:**

HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary (org.). The oxford handbook of material culture studies. Oxford: Oxford University, 2010.

SALERNO, Melisa. Arqueología de la indumentaria: prácticas e identidad en los confines del mundo moderno (Antártida, siglo XIX). Buenos Aires: Del Tridente, 2006.

PINHEIRO, Marilda Lopes (org.). Design & cultura material. Curitiba: Ed. da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012.

BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BERGER, Arthur Asa. What objects mean: an introduction to material culture. Calif: Left Coast, 2009

**Disciplina: Introdução ao pensamento Antropológico**

**Lotação:** ICHI **Código:**10936 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 1º semestre

**CH Total:** 60 **CH semanal:** 4 **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Caracterização e objeto da Antropologia, conceitos básicos: cultura, diversidade, etnocentrismo e relativismo. Trabalho de campo e observação participante.

**Bibliografia Básica:**

GEERTZ, Clifford. Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

**Bibliografia Complementar:**

DURHAM, Eunice et al. (org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ERIKSEN, Thomas; NIELSEN, Finn. História da Antropologia. Petrópolis: Vozes, 2007.

GOMES, Mércio Pereira. Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura. São Paulo: Contexto, 2008.

KUPER, Adam. Antropólogos e Antropologia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

SAHLINS, Marshall. Como pensam os nativos: sobre o capitão Cook, por exemplo. São Paulo: EDUSP, 2001.

**Disciplina: Língua Francesa Instrumental II**

**Lotação:** ILA **Código:** 06071 **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa **Localização no QSL:** 1º semestre

**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Visa ampliação do vocabulário e de estruturas básicas; linguística da Língua Francesa, visando

ao desenvolvimento da capacidade de compreensão de textos longos originais que possibilitem futuras consultas bibliográficas

**Bibliografia Básica:**

BESCHERELLE. L'art de conjuguer: dictionnaire des huit mille verbes usuels. Belo Horizonte: Itatiaia, 1959.

LAROUSSE. Mini dictionnaire français-brésilien/brésilien-français. Paris: Larousse, 2007.

MICHAELIS. Dicionário Escolar Francês. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

**Bibliografia Complementar:**

KOCH, I. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 1996.

KOCH, I.; TRAVAGLIA, L.C. Texto e coerência. São Paulo: Cortez, 1999.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (org.). Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem. São Paulo: EDUSC, 2002.

MOIRAND, S. Une grammaire des textes et des dialogues. Hachette: Paris, 1990.

SCHMITT, M.P., DAN VIALA, A. Savoir-lire. Didier: Paris, 1982.

## Período 2

**Disciplina: Topografia I**

**Lotação:** EE **Código:** 01046 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 2º semestre

**CH Total:** 60 **CH semanal:** 4 **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Métodos de levantamentos de áreas: expeditos e regulares: orientações nortes azimutes e rumos. Escalas. Desenho topográfico: plantas e convenções cartográficas. Caminhamento de ângulo e lados. Cálculo analítico de coordenadas e áreas. Erros. Levantamento trigonométrico. Estadimetria. Triangulação: métodos, divisão de terra.

**Bibliografia Básica:**

ESPARTEL, Lelis. Curso de topografia. Porto Alegre: Globo, 1980.

BORGES, Alberto de Campos. Topografia. São Paulo: Blucher, 1977.

BORGES, Alberto de Campos. Exercícios de topografia. São Paulo: Blucher, 1975.

**Bibliografia Complementar:**

BORGES, Alberto de Campos. Topografia: aplicada à engenharia civil. São Paulo: Blucher, 1992.

SILVA, Irineu da; SEGANTINE, Paulo Cesar. Topografia para engenharia: teoria e prática de geomática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

COMASTRI, Jose Anibal; TULER, Jose Claudio. Topografia: altimetria. Viçosa: Imprensa Universitaria, 1987.

PINTO, Luiz Edmundo Kruchewski. Curso de topografia. Bahia: Universidade da Bahia, 1988.

BREED, Charles B. Topografia. Bilbao: Ediciones URMO, 1969.

RAMOS, Olegário. Manual de topografia para prefeituras. Rio de Janeiro: IBAM, 1973.

SILVEIRA, Luiz Carlos da. Cálculos geodésicos no sistema UTM, aplicados à topografia. Morro da Fumaça, SC: Luana, 1990.

SILVEIRA, Luiz Carlos da. Determinação do norte verdadeiro. Porto Alegre: UFRGS, 1985.

**Disciplina: Geologia Básica em Arqueologia**

**Lotação:** IO **Código:** 05128 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 2º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** O planeta terra e suas origens; distribuição dos continentes e oceanos; tempo geológico; minerais e rochas; processos exógenos; geologia e evolução da costa brasileira; as variações do nível do mar; o quaternário; geologia do quaternário do RGS, métodos e técnicas de datação do Quaternário.

**Bibliografia Básica:**

TEIXEIRA, Wilson (org.) Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.  
GROTZINGER, John & JORDAN, Tom. Para entender a terra. Porto Alegre: Bookman, 2013.  
WICANDER, Reed; MONROE, James S. Fundamentos de geologia. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

POMEROL, Charles et al. (org.). Princípios de geologia: técnicas, modelos e teorias Porto Alegre: Bookman, 2013.

**Bibliografia Complementar:**

BIGARELLA, J.J.; MOUSINHO, M.R. & SILVA, J.X. Pediplanos, pedimentos e seus depósitos correlativos no Brasil. B. Paran. Geogr., 16/17:117-151, 1965.

MOURA, J.R.S. Geomorfologia do Quaternário. In: GUERRA, A.J.T. & CUNHA, S.B. (org.) Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1994.

MOURA, J.R.S. & MELLO, C.L. Geomorfologia do Quaternário. In: CUNHA, S.B. & GUERRA, A.J.T. (org.) Geomorfologia: exercícios, técnicas e aplicações. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1996.

MOURA, J.R.S. & SILVA, T.M. Complexos de Rampas de Colúvio. In: CUNHA, S.B. & GUERRA, A.J.T. (org.) Geomorfologia do Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1998.

SUGUIO, K. Geologia do Quaternário e Mudanças Ambientais. Passado + Presente= Futuro? São Paulo, Paulo's Comunicação e Artes Gráficas 1999.

**Disciplina: História do pensamento Arqueológico**

**Lotação:** ICHI **Código:**10297 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 2º semestre

**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Importância dos contextos políticos e socioculturais na percepção sobre os vestígios das atividades humanas, compreendendo que tal percepção é historicamente situada e que o conhecimento arqueológico é socialmente construído

**Bibliografia Básica:**

RENFREW, C.; BAHN, P. Arqueología. Teorías, Métodos y Práctica, Madrid: Ed. Akal, 1993.

TRIGGER, D. História do Pensamento Arqueológico. Barcelona: Editorial Crítica, 1992.

HODDER, I. Reading the past. Current Approaches to interpretation in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

**Bibliografia Complementar:**

CHILDE, V. Gordon. O que aconteceu na história. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: Ed. UnB, 1992.

THOMAS, Julian. Archaeology and modernity. London: Routledge, 2004.

BAHN, P. Arqueologia :uma breve introdução. Lisboa: Gradiva, 1998.

BINFORD, L. An Archaeological perspective. New York: Seminar Press, 1972.

LUMBRERAS, L.G. La arqueología como ciencia social. Lima: Histar, 1974.

**Disciplina: Teorias da Arqueologia I**

**Lotação:** ICHI **Código:** 10304 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 2º semestre

**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Introdução a Arqueologia

**Ementa:** A época moderna: elaboração de uma idéia da Arqueologia. Arqueologia e evolucionismo no século XIX. Arqueologia histórico-cultural. Meggers e a Arqueologia brasileira e sul-americana.

**Bibliografia Básica:**

LYMAN, R. L., O'BRIEN, M. J. & DUNNELL, R. C.: The rise and fall of culture history. New York: Plenum Press, 1997.

HODDER, I.: Archaeological theory today. Cambridge: Polity, 2001.

JOHNSON, M.: Teoría arqueológica: una introducción. Barcelona: Ariel, 2000.

**Bibliografia Complementar:**

BENTLEY, R. A., MASCHNER, H. D. G. & CHIPPINDALE, C. (eds.): Handbook of archaeological theories. Lanham: Altamira Press, 2009.

FRANCH, J. A.: Arqueología antropológica. Madrid: Akal, 2008.

HODDER, I. & HUTSON, S.: Reading the past: current approaches to interpretation in archeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MEGGERS, B. J.: América pré-histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REIS, J. A. dos: "Não pensa muito que dói": um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2010.

PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. Brasília: MEC/CAPES. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE - SciELO. Portal de periódicos. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>.

SCIENCE DIRECT. Elsevier B.V. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/>>.

**Disciplina: Sociedades Paleolíticas e Neolíticas**

**Lotação:** ICHI **Código:**10464 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 2º semestre

**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Processo de Hominização

**Ementa:** Conhecer as problemáticas das sociedades paleolíticas e neolíticas do velho mundo. Conhecer os antecedentes históricos e os fundamentos lógicos da formulação das periodizações.

**Bibliografia Básica:**

CLARK, J. G. D. Economic prehistory. Cambridge University Press, 1989.

COHEN, Mark. La crisis alimentaria de la Prehistoria. Madrid. Ed. Alianza, 1993.

GAMBLE, Clive. Las sociedades paleolíticas de Europa. Ed. Ariel, 2001.

LEROI-GOURHAN, A. La Prehistoria. Barcelona, 1972.

MORROW, Juliet, GNECO, Cristobal. Paleoindian Archaeology: A Hemispheric Perspective. University Press of Florida, 2007.

**Bibliografia Complementar:**

BORDES. F. Typologie du Paléolithique ancien et moyen. Bordeaux: Publications de l'Institut de Préhistoire de l'Université de Bordeaux, Mémoire No.1, 1961.

CHAPMAN, Robert. La formación de las sociedades complejas. El Sureste de la Península Ibérica en el marco del mediterráneo Occidental. Ed. Crítica. Barcelona, 1991.

DAVIS P & KEN RICK. Fossil Plants (living past). London, The Natural History Museum, 2005.

GENESTE. J. Systèmes techniques de production lithique: variations techno-économiques dans les processus de réalisation des outillages Paléolithiques. Techniques et culture 17-18: 1-35, 1991.

**Disciplina: Fundamentos da Pesquisa Etnográfica**

**Lotação:** ICHI **Código:** 10937 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 2º semestre

**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Introdução ao Pensamento Antropológico

**Ementa:** Metodologia, técnicas e recursos da pesquisa etnográfica. Leituras etnográficas. Etnografia como fundamento da antropologia. Tempo, alteridade e coetaneidade. Categorias de denotação de alteridade. Etnografia tradicional e multissituada. Aspectos éticos da pesquisa etnográfica.

**Bibliografia Básica:**

GEERTZ, Clifford. Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

**Bibliografia Complementar:**

DURHAM, Eunice et al. (org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra,

1988.

ERIKSEN, Thomas; NIELSEN, Finn. História da Antropologia. Petrópolis: Vozes, 2007.

GOMES, Mércio Pereira. Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura. São Paulo: Contexto, 2008.

KUPER, Adam. Antropólogos e Antropologia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

SAHLINS, Marshall. Como pensam os nativos: sobre o capitão Cook, por exemplo. São Paulo: EDUSP, 2001.

**Disciplina: Inglês Instrumental: Leitura**

**Lotação:** ILA Código: 06387      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 2º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Estudo de textos, conteúdo, estruturas fundamentais da língua. Redação. Interpretação de textos. Textos. Exercícios estruturais. Elementos de gramática.

**Bibliografia Básica:**

ECKLERSLEY, C. E.; ECKLERSLEY, J. M. A comprehensive english grammar. Longman: Hongkong Printing, 1960.

SANTOS, Denise. Como ler melhor em inglês. Barueri: Disal, 2011.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira (org.). Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências. Belo Horizonte: Ed. da Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

SOUZA, Adriana Grade Fiori et al (org.). Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental. Barueri : Disal, 2010.

**Bibliografia Complementar:**

McCARTHY, Michael; O'DELL, Felicity. English collocations in use: how words work together for fluent and natural english. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SANTOS, Lucas Moreira dos Anjos (org.). Teaching and learning english in digital times: suggested workshop materials. Londrina: Kan Editora, 2013.

GREENALL, Simon; PYE, Diana Pye. CAE reading skills. New York: Cambridge University Press, 1996.

HARDING, Keith. English for specific purposes. Oxford: University Press, 2007.

LEWIS, R. D. Reading for adults. London: Longman, 1971.

**Disciplina:** Libras I

**Lotação:** ILA Código:06497 **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 2º semestre

**CH Total:**60 **CH semanal:** 4      **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não

**Ementa:** Fundamentos linguísticos e culturais da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Desenvolvimento de habilidades básicas expressivas e receptivas em Libras para promover a comunicação entre seus usuários. Introdução aos Estudos Surdos.

**Bibliografia Básica:**

SOARES, Maria Aparecida Leite. A educação do surdo no Brasil. Bragança Paulista: EDUSF, 1999.

SÁ, Nidia Regina Limeira de. Cultura, poder e educação de surdos. Manaus: Ed. da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CAPOVILLA, Fernando; RAPHAEL, Walkiria (org.). Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2001.

GESSER, Audrei Líbras? que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da

realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

CAPOVILLA, Fernando et al (org.). Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira: baseado em linguística e neurociências cognitivas. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2012.

**Bibliografia Complementar:**

SKLIAR, Carlos (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2015.

QUADROS, Ronice. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

GESSER, Audrei. O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a libras. São Paulo: Parábola, 2012.

LODI, Ana Claudia Balieiro et al (org.). Leitura e escrita: no contexto da diversidade. Porto Alegre: Mediação, 2013.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes. Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

SACKS, Oliver. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

**Disciplina: Introdução a Ecologia Humana**

**Lotação:** ICHI **Código:**10690 **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa **Localização no QSL:** 2º semestre

**CH Total:**60 **CH semanal:** 4 **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** não

**Ementa:** A interação entre as populações humanas e o ambiente, analisadas sob o ponto de vista da Ecologia e disciplinas afins como uma interface da Antropologia constitui o objeto de estudo da Ecologia Humana. Fundamentada no materialismo evolutivo e privilegiando as análises de causa e efeito das interações homem-ambiente, a disciplina procura tanger e compreender a realidade emergente da adaptação social humana, considerando suas diferentes dimensões, tanto as relacionadas ao núcleo material quanto às relacionadas ao núcleo simbólico.

**Bibliografia Básica:**

MORAN, Emilio. A ecologia humana: das populações da Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1990.

NEVES, Walter. Antropologia ecológica: um olhar materialista sobre as sociedades humanas. São Paulo: Cortez, 1996.

CAMPBELL, Bernard. Ecologia humana. Lisboa: Edições 70, 1983.

KORMONDY, Edward; BROWN, Daniel. Ecologia humana. São Paulo: Atheneu, 2002.

RICKLEFS, Robert. A economia da natureza. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

**Bibliografia Complementar:**

MACHADO, Paulo de Almeida. Ecologia humana. São Paulo: Cortez, 1985.

ÁVILA-PIRES, Fernando. Princípios de ecologia humana. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1983.

RIDLEY, Mark. Evolução. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FOLEY, Robert. Apenas mais uma espécie única: padrões da ecologia evolutiva humana. São Paulo: EDUSP, 1993.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

**Período 3**

**Disciplina:** Sistema de Informações Geográficas

**Lotação:** IO **Código:**05128 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 3º semestre

**CH Total:**60 **CH semanal:** 4 **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Topografia I

**Ementa:** Os ecossistemas da costa brasileira; Conceitos básicos de cartografia; Sensoriamento Remoto; Geoprocessamento; Sistemas de Informações Geográficas; Aplicações de dados de SR e SIG

**Bibliografia Básica:**

TEIXEIRA, A. L. de A. & CHRISTOFOLETTI, A. 1997. Sistemas de Informações Geográficas (dicionário ilustrado), Editora HUCITEC, SP. 244p.

FITZ, P. R. Cartografia Básica. São Paulo: Oficina de textos, 2008.

MARTINELLI, M. Curso de cartografia básica. São Paulo: Contexto, 1991.

**Bibliografia Complementar:**

FITZ, P. R. Geoprocessamento sem complicação. São Paulo: Oficina de textos, 2008.

SILVA, A. de B. Sistemas de Informações Geo-Referenciadas: conceitos e fundamentos. Ed. UNICAMP, 2003.

FERRARI, R. Viagem ao SIG: planejamento estratégico, viabilização, implantação e gerenciamento de sistemas de informação geográfica. Curitiba: Sagres, 1997.

LANG, S.; BLASCHKE, T. Análise da paisagem com SIG. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.

BLASCHKE, Thomaz e KUX, Hermann. Sensoriamento remoto e SIG avançados: novo sistema de sensores. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

**Disciplina: Fundamentos de Estratigrafia Arqueológica**

**Lotação:** ICHI **Código:**10294 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 3º semestre

**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Introdução à Arqueologia

**Ementa:** Estudo da formação dos sítios: organização e dinâmica dos depósitos arqueológicos. Reflexão sobre o conceito de estratigrafia natural: definições das estratigrafias vertical e horizontal. Abordagem das técnicas de leitura e interpretação das estratigrafias vertical e horizontal. Elaboração da estratigrafia geral ou estratigrafia em três dimensões. Reflexão sobre a estratigrafia em níveis artificiais.

**Bibliografia Básica:**

BARKER, Philip. Techniques of archaeological excavation. London: Routledge, 1993.

GARRISON, Ervan. Techniques in archaeological geology. New York: Springer, 2003.

ROSKAMS, Steve. Teoría y práctica de la excavación. Barcelona: Crítica, 2003.

**Bibliografia Complementar:**

BALME, Jane; PATERSON, Alistair. Archaeology in practice: a student guide to archaeological analyses. Malden, MA (Australia): Blackwell publishing, 2006.

FRENCH, Charles. Geoarchaeology in action : studies in soil micromorphology and landscape evolution. London: Routledge, 2003.

HERZ, Norman; GARRISON, Ervan. Geological methods for archaeology. New York: Oxford University Press, 1998.

DJINDJIAN, François. Manuel d'archéologie. Paris: Armand Colin, 2013.

SILVA, Alexandre Marco et al (org.). Erosão e hidrossedimentologia em bacias hidrográficas. São Carlos: Rima, 2003.

**Disciplina: Teorias da Arqueologia II**

**Lotação:** ICHI **Código:**10305 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 3º semestre

**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Teorias da Arqueologia I

**Ementa:** Arqueologia marxista. Arqueologia estruturalista. Arqueologia processual. Arqueologia soviética.

**Bibliografia Básica:**

FRANCH, J. A.: Arqueología antropológica. Madrid: Akal, 2008.

HODDER, I. & HUTSON, S.: Reading the past: current approaches to interpretation in archeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JOHNSON, M.: Teoría arqueológica: una introducción. Barcelona: Ariel, 2000.

**Bibliografia Complementar:**

BENTLEY, R. A., MASCHNER, H. D. G. & CHIPPINDALE, C. (eds.): Handbook of archaeological

theories. Lanham: Altamira Press, 2009.  
DUNNELL, R. C.: Classificação em arqueologia. São Paulo: EDUSP, 2007.  
HODDER, I.: Theory and practice in archaeology. London: Routledge, 1998.  
HODDER, I.: Archaeological theory today. Cambridge: Polity, 2001.  
PREUCEL, R. & MROZOWSKI, S. A. (eds.): Contemporary archaeology in theory: the new pragmatism. New York: Wiley-Blackwell, 2010.  
PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. Brasília: MEC/CAPES. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.capes.gov.br>>  
SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE - SciELO. Portal de periódicos.  
Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>.  
SCIENCE DIRECT. Elsevier B.V. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/>>.

**Disciplina: Desafios Antropológicos Contemporâneos**

**Lotação:** ICHI **Código:**10938 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 3º semestre

**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Fundamentos da pesquisa Etnográfica

**Ementa:** Abordagens contemporâneas na Antropologia. Desafios do pensamento antropológico na atualidade. As críticas pós-coloniais, feministas e ecológicas e os impactos sobre a reflexão antropológica.

**Bibliografia Básica:**

GEERTZ, Clifford. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas: Papyrus, 2008.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel (org.). Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

**Bibliografia Complementar:**

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

**Disciplina: Arqueologia e Legislação**

**Lotação:** ICHI **Código:**10941 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 3º semestre

**CH Total:**60 **CH semanal:** 4 **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Não

**Ementa:** Enquadramentos legais da prática arqueológica no Brasil. Objetivo e metodologias de trabalho arqueológico em EIA. Legislação para realização de EIA-RIMA. Acompanhamento Arqueológico, objetivos e procedimentos metodológicos. A prospecção arqueológica, objetivos e procedimentos metodológicos. A escavação arqueológica e sua regulamentação legal. Relatórios de trabalhos arqueológicos, exigências legais e disciplinares, conteúdo e organização.

**Bibliografia Básica:**

FUNARI, Pedro Paulo et al. Arqueologia pública e patrimônio: questões atuais. Criciúma, SC: Ed. da Universidade Estadual de Santa Catarina, 2015.

SOARES, Inês Virgínea Prado. Proteção jurídica do patrimônio arqueológico no Brasil: fundamentos para efetividade da tutela em face de obras e atividades impactantes. Erechim: Habilis, 2007.

ZANON, Elisa Roberta. Educação patrimonial: da teoria à prática. Londrina: UniFil, 2009.

**Bibliografia Complementar:**

BRUNO, David. Handbook of landscape archaeology. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

PREUCEL, Robert; MROZOWSKI, Stephen A. Contemporary archaeology in theory: the new pragmatism. [Singapore]: Wiley-Blackwell, 2010.  
RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueologia: teorías, métodos y práctica. Madrid: Akal, 2007.  
TILLEY, Christopher. A phenomenology of landscape: places, paths and monuments. Berg: Oxford, 1994.  
TRIGGER, Bruce G. História do pensamento arqueológico. São Paulo: Odysseus, 2004.  
PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. Brasília: MEC/CAPES. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.capes.gov.br>>.  
SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE - SciELO. Portal de periódicos.  
Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>.  
SCIENCE DIRECT. Elsevier B.V. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/>>.

**Disciplina: Fundamentos de Arqueobotânica**

**Lotação:** ICB **Código:**15167 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 3º semestre

**CH Total:**60 **CH semanal:** 4 **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Introdução à Arqueologia

**Ementa:** Caracterização dos principais grupos botânicos. Aspectos biogeográficos e caracterização dos diferentes tipos de vegetação. Resgate, significação e contextualização dos vestígios botânicos provenientes de escavações arqueológicas.

**Bibliografia Básica:**

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: Ed. UnB, 1992.

RAVEN, Peter et al (org.). Biologia Vegetal. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueologia: teorías, métodos y práctica. Madrid: Akal, 2007.

**Bibliografia Complementar:**

VIDAL, Waldomiro; VIDAL, Maria Rosaria. Botânica: organografia. Viçosa: UFV, 2000.

MARCHIORI, José Newton. Fitogeografia do Rio Grande do Sul: enfoque histórico e sistemas de classificação. Porto Alegre: EST, 2002.

MARCHIORI, José Newton. Fitogeografia do Rio Grande do Sul: campos sulinos. Porto Alegre: EST, 2004.

TAYLOR, Thomas et al (org.). Paleobotany: the Biology and evolution of fossil plants. Burlington, MA: Elsevier, 2009.

MONTAÑEZ, Sonia Archila. Arqueobotânica en la Amazonía colombiana: un modelo etnográfico para el análisis de maderas carbonizadas. Bogotá: FIAN, UNIANDES, CESO, 2005.

PIPERNO, Dolores. Phytoliths: a comprehensive guide for archaeologists and paleoecologists. Lanham: Altamira Press, 2006.

**Disciplina: LIBRAS**

**Lotação:** ILA **Código:**06386 **Duração:** anual

**Caráter:** optativa **Localização no QSL:** 3º e 4º semestres

**CH Total:**120 **CH semanal:** 4 **Créditos:** 8

**Sistema de Avaliação:** sistema II **Pré-requisito:** Não

**Ementa:** Conhecimentos gerais sobre a identidade e a cultura surda Língua Brasileira de Sinais LIBRAS, sistema linguístico de natureza visual-motora, sua estrutura e gramática.

**Bibliografia Básica:**

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CAPOVILLA, Fernando; RAPHAEL, Walkiria (org.). Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2001.

SÁ, Nidia Regina Limeira de. Cultura, poder e educação de surdos. Manaus: Ed. da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

**Bibliografia Complementar:**

WITKOSKI, Sílvia Andreis. Educação de Surdos, pelos próprios surdos: uma questão de direitos. Curitiba: Editora CRV, 2012.

QUADROS, Ronice et al (org.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais - volume I. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

QUADROS, Ronice et al (org.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais - volume II. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

STROBEL, Karin. História da Educação de Surdos. Florianópolis: UFSC, 2007.

FELIPE, Tanya. Libras em contexto. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2001

**Disciplina: Linguística**

**Lotação:** ILA **Código:**06365 **Duração:** anual

**Caráter:** optativa **Localização no QSL:** 3º e 4º semestres

**CH Total:**60 **CH semanal:** 4 **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Não

**Ementa:** Breve histórico dos estudos pré-saussureanos. A contribuição de Saussure e suas decorrências teóricas e metodológicas. As correntes lingüísticas pós- saussureanas.. Estudo crítico das gramáticas normativas

**Bibliografia Básica:**

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística. São Paulo: Contexto, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. (org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.

**Bibliografia Complementar:**

KOCH, Ingedore Villaça. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 2007.

BORBA, F. Introdução aos estudos lingüísticos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. História da linguística. Petrópolis: Vozes, 1986.

JAKOBSON, R. Linguística. Poética. Cinema. São Paulo: Perspectiva, 1970.

POSSENTI, S. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas, Mercado de Letras: 1998.

**Disciplina: Inglês Instrumental: Expressão Oral**

**Lotação:** ILA **Código:** 06388 **Duração:** Semestral

**Caráter:** optativa **Localização no QSL:** 3º semestre

**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Não

**Ementa:** Estudos de textos técnicos-científicos. Redação. Interpretação de textos. Tradução. Resumos. Précis. Elementos de gramática.

**Bibliografia Básica:**

MARQUES, Mario Osorio Marques. A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência. Ijuí: Unijuí, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio et al (org.). Investigando a relação oral/escrito e as teorias de letramento. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

WILLIAMS, Erica. Presentations in english: find your voice as a presenter. Oxford: Macmillan, 2008.

**Bibliografia Complementar:**

MURPHY, Raymond. Essential grammar in use: gramática da língua inglesa com respostas. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ANDERSON, Kenneth et al (org.). Study speaking: a course in spoken english for academic purposes/ Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SWEENEY, Simon. Communicating in business: a short course for business english students. New York: Cambridge University Press, 2001.

DIGNEN, Bob et al (org.). For work and life english 365. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BARRETT, Barney Barrett; SHARMA, Pete. Networking in english: informal communication in business. Oxford: Macmillan, 2010.

**Disciplina: Filosofia da Ciência****Lotação:** IE **Código:**09706 **Duração:** Semestral**Caráter:** optativa **Localização no QSL:** 3º semestre**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Não**Ementa:** Análise do contexto filosófico e histórico do nascimento da ciência, no início da época moderna. Reflexões sobre a definição da ciência e a diferença entre ciências exatas e ciências humanas. Discussão sobre o conceito de verdade em ciência.**Bibliografia Básica:**

CHATELET, F.(org.) - História da Filosofia. São Paulo: Zahar, 1974.

FEYERABEND, P. - Contra o método: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HABERMAS, Jürgen - Teoria analítica da ciência e dialética. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KHUN, Thomas S. - A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1978.

ROSSI, Paulo - O nascimento da ciência moderna na Europa. Bauru: EDUSC, 2001

**Bibliografia Complementar:**

BACHELARD, G. - A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro. Contraponto. 1996

GADAMER, Hans-Georg - Verdade e método. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

HENRY, John - A revolução científica e as origens da ciência moderna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

POPPER, Karl - A lógica da investigação científica. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

THULLIER, Pierre - De Arquimedes a Einstein; a face oculta da invenção científica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

**Disciplina: Região Platina Colonial****Lotação:** ICHI **Código:** **Duração:** Semestral**Caráter:** optativa **Localização no QSL:** 3º semestre**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Não possui**Ementa:** Estudo da inserção Histórica do Espaço Platino no contexto colonial português e espanhol da América. Com marco temporal entre os séculos XVI e XVIII, aborda-se as questões relacionadas a conquista e a colonização da Região Platina, bem como a produção historiográfica concernente ao tema.**Bibliografia Básica:**

CANABRAVA, Alice. O comércio português no rio da Prata (1580-1640). São Paulo: EDUSP, 1984.

KERN, Arno. Missões: uma utopia política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

REICHEL, Heloisa; GUTFREIND, Ieda. As raízes históricas do Mercosul: a região platina colonial. São Leopoldo: Unisinos, 1996.

**Bibliografia Complementar:**

BETHELL, Leslie. História da América Latina Vol.1, História da América Latina Colonial. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1998.

KERN, Arno Alvarez. Missões ibéricas coloniais: da Califórnia ao Prata. Porto Alegre: SBPH, 2006.

RELA, Walter. Exploraciones portuguesas en el Río de la Plata 1512-1531

Porto Alegre: Ed. da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

VELLINHO, Moysés. O Rio Grande e o Prata: contrastes. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1962.

WASSERMAN, Claudia (org.<sup>a</sup>) História da América Latina: cinco séculos (temas e problemas). Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. Brasília: MEC/CAPES. Disponível em:

<<http://www.periodicos.capes.gov.br>>

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE - SciELO. Portal de periódicos.

Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>.SCIENCE DIRECT. Elsevier B.V. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/>>.

**Disciplina: Arqueologia da Paisagem****Lotação:** ICHI **Código:** 10480 **Duração:** Semestral**Caráter:** optativa **Localização no QSL:** 3º semestre**CH Total:**45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Introdução a arqueologia

Paisagem como cultura material. A paisagem como construção social e como força ativa na criação, legitimação e mudança social. A paisagem como fonte de acesso a questões de ordem imateriais da cultura.

**Bibliografia Básica:**

ASTON, Michael. Interpreting the landscape: landscape archaeology and local history. London: Routledge, 2006.

THOMAS, Julian; DAVID, Bruno. Handbook of landscape archaeology. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

TILLEY, Christopher. A phenomenology of landscape: places, paths and monuments. Berg: Oxford, 1994.

**Bibliografia Complementar:**

BEAUDRY, Mary (org.). Documentary archaeology in the new world. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BESSE, Jean-Marc. Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MACEDO; Jackeline; et all. Arqueologia na Paisagem. Novos valores, dilemas e instrumentais. Rio de Janeiro: Rio Books, 2012.

MIRA, Ignacio Grau. La aplicación de los SIG en la Arqueología del Paisaje. San Vicent del Respeig: Universidad de Arcante, 2007.

UCKO, Peter J. The archaeology and anthropology of landscape: shaping your landscape. London: Routledge, 1999.

PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. Brasília: MEC/CAPES. Disponível em:

<<http://www.periodicos.capes.gov.br>>

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE - SciELO. Portal de periódicos.

Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>.

**Disciplina: Introdução à Estatística e Métodos Quantitativos****Lotação:** ICHI **Código:** 10691 **Duração:** Semestral**Caráter:** optativa **Localização no QSL:** 3º semestre**CH Total:**60 **CH semanal:** 4 **Créditos:** 4**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Não

**Ementa:** A Estatística e os métodos quantitativos. Conceitos preliminares de computação, descrição e organização de dados. Estatística Descritiva e Inferencial. Medidas de Tendência Central (ou posição) e de Dispersão (ou variabilidade). Distribuição normal e amostral das médias. Correlação e regressão linear simples. Amostragem e Probabilidades. Testes de Hipóteses. Distribuição t de Student e Comparações entre médias. Distribuição Binomial e Chi-Quadrado. Análise de Variância. Introdução à Estatística Multivariada.

**Bibliografia Básica:**

CALLEGARI-JACQUES, Sidia. Bioestatística: princípios e aplicações. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOORE, David S. A estatística básica e sua prática. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

COSTA NETO, Pedro Luiz de Oliveira. Estatística. São Paulo: Edgar Blucher, 2002.

MANN, Prem S. Introdução a estatística. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LEVIN, Jack. Estatística para ciências humanas. São Paulo: Pearson, 2004.

**Bibliografia Complementar:**

SOKAL, Robert; ROHLF, James. Biometry: the principles and practice of statistics in biological research. New York: W. H. Freeman, 1981.

MAROCO, João. Análise estatística: com utilização do SPSS. Lisboa: Sílabo, 2007.

ARANGO, Héctor Gustavo. Bioestatística: teórica e computacional. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,

2009.

MINGOTI, Sueli A. Análise de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada. Belo Horizonte: Ed. Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

TRIOLA, Mario F. Introdução a estatística. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

#### Período 4

##### **Disciplina: Teorias da Arqueologia III**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10306 **Duração:** Semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 4º semestre

**CH Total:**45 **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** Teorias da Arqueologia II

**Ementa:** Vertentes contemporâneas do pensamento arqueológico. Arqueologia pós-processual. Arqueologia social na América Latina. Arqueologia Evolutiva Darwiniana.

##### **Bibliografia Básica:**

FUNARI, P. P., ZARANKIN, A. & STOVEL, E.: Global archaeological theory: contextual voices and contemporary thoughts. New York: Kluwer Academic - Plenum Publishers, 2005.

GILCHRIST, R.: Gender and archaeology: contesting the past. London: Routledge, 1999.

TILLEY, C.: A phenomenology of landscape: places, paths and monuments. Oxford: Berg Publishers, 1984.

##### **Bibliografia Complementar:**

BATTLE-BAPTISTE, W.: Black feminist archaeology. Walnut Creek: Left Coast Press, 2011.

DOBRES, M.-A. & ROBB, J. E. (eds.): Agency in archaeology. London: Routledge, 2000.

HODDER, I. (ed.): Symbolic and structural archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MARTÍNEZ, V. M. F.: Una arqueología crítica: ciencia, ética y política em la construcción del pasado. Barcelona: Crítica, 2006.

SHANKS, M. & TILLEY, C.: Re-constructing archaeology. London: Routledge, 1992.

PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. Brasília: MEC/CAPES. Disponível em:

<<http://www.periodicos.capes.gov.br>>

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE - SciELO. Portal de periódicos.

Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>.

SCIENCE DIRECT. Elsevier B.V. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/>>.

RENFREW, C. & BAHN, P. Arqueología. Teorías, Métodos y Práctica. Barcelona, Akal.1993.

RENFREW, C. & SCARRE, C. Cognition and Material Culture: The Archaeology of Symbolic Storage. Cambridge, MacDonal Institution of Archaeological Research, 1998.

SANOJA, Mario O. "Temas de debate en Arqueologia social", in: Cuadernos de Antropologia no 2. Universidade de Costa Rica, 1983.

THIESEN, Beatriz V. As paisagens da cidade. Arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX. Porto Alegre, PUC, 1999.

THIESEN, Beatriz V. "Significados nas representações escultóricas da fachada da Cervejaria Bopp & Irmãos, Porto Alegre", in: Anais do Museu Paulista, n.s., vol.14, n.1, p.167-194. São Paulo, Museu Paulista - Universidade de São Paulo, 2006.

THOMAS, J. "Archaeologies of place and landscape", in: Archaeological theory today, I. Hodder (ed.), pp. 165-186. Cambridge, Polity Press, 2001.

TILLEY, C. "The powers of rocks: topography and monument construction on Bodmin Moor", in: World Archaeology 28 (2): 161-176. 1996

TRIGGER, Bruce. História del pensamiento arqueológico. Barcelona, Crítica/Grijalbo Mondadori, 1992.

WHITLEY, D.S. Reader in Archaeological Theory. Post-Processual and Cognitive Approaches. London, Routledge.1998.

##### **Disciplina: Arqueologia do Capitalismo I**

**Lotação:** ICHI **Código:** 10307 **Duração:** Semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 4º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Arqueologia do capitalismo. "Plantation", o mundo rural e a ordem social escravista. Conflitos, resistência, diversidade étnica e cultural.

**Bibliografia Básica:**

AGOSTINI, Camilla (Org.). Objetos da escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013

LEONE, Mark P.; Potter Jr, Parker B. (ed.). Historical Archaeologies of Capitalism. New York: Plenum Publishers, 1999.

ORSER Jr., Charles E. A historical archaeology of the modern world. New York: Plenum Publishing Corporation, 1996.

**Bibliografia complementar:**

FUNARI, Pedro Paulo et al (org.). Arqueologia histórica, memória e patrimônio em perspectiva multidisciplinar. Pelotas: Instituto de Memória e Patrimônio, 2009.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras (org.). Guia básico de educação patrimonial. Brasília: Iphan, 2009.

JORGE, Vítor Oliveira. Arqueologia, patrimônio e cultura. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

LAYTON, Robert. Who needs the past? indigenous values and archaeology. London: Routledge, 1989.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueología: teorías, métodos y práctica. Madrid: Akal, 2007.

SHACKEL, Paul A. Places in mind: public archaeology as applied anthropology. New York: Routledge, 2004.

PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. Brasília: MEC/CAPES. Disponível em:

<<http://www.periodicos.capes.gov.br>>

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE - SciELO. Portal de periódicos.

Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>.

SCIENCE DIRECT. Elsevier B.V. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/>>.

**Disciplina: Metodologia da Pesquisa Arqueológica I**

**Lotação:** ICHI **Código:** 10313 **Duração:** Semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 4º semestre

**CH Total:** 60 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Teorias da Arqueologia II

**Ementa:** Dupla reflexão sobre a prospecção: definição e utilidade da prospecção. Estudos Reflexão sobre o conceito de sítio arqueológico. Apresentação dos estudos preliminares e dos métodos de prospecção. Exploração e interpretação dos dados coletados.

**Bibliografia Básica:**

BANNING, E.B. Archaeological survey (manual in archaeological method, theory and practice). New York, Kluwer Academic – Plenum, 2002, 273p.

FRENCH, Charles. Geoarchaeology in action. Studies in soil micromorphology and landscape evolution. London/New York, Routledge, 2003.

KIPFER, Barbara Ann. The Archaeologist's Fieldwork Companion. Wiley-Blackwell, 2006. 488p.

ORTON, Clive. Sampling in Archaeology. Cambridge, Cambridge University Press, 2000. 274p.

WHITE, Gregory G.; KING Thomas F. - Archaeological survey manual. Left Cost Press, 2007, 184p.

**Bibliografia Complementar:**

DABAS, M. et al. La prospection. Paris, Éditions Errance, 1998.

FERDIÈRE, Alain; ZADORE-RIO, E. La prospection archéologique. Paris, Documents d'Archéologie Française, 1986.

GREEN, K. Archaeology, an introduction. London, B.T. Batsford, 1983.

RENFREW, Colin, BAHN, Paul. Arqueología. Teorías, métodos y Prácticas. Madrid, Akal, 2007.

STEWART, R. Michael. Archaeology. Basic field methods. Dubuque, Kendall/Hunt. Publishing Company, 2002.

**Disciplina: Sociedades Pré-coloniais I****Lotação:** ICHI **Código:** 10939 **Duração:** semestral**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 4º semestre**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** não possui**Ementa:** Teorias e modelos de povoamento das Américas. Caracterização tecnocultural e distribuição dos estabelecimentos humanos na América desde o Paleoíndio até o início do Formativo.**Bibliografia Básica:**

MEGGERS, Betty J.. América pré-história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

PESSIS, Anne-Marie, MARTIN, Gabriela, GUIDON, Niède. Os biomas e as sociedades humanas na pré-história da região do parque nacional Serra da Capivara, Brasil. São Paulo: A&amp;A Comunicação, 2014.

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: Ed. UnB, 1992.

**Bibliografia Complementar:**

FUNARI, Pedro Paulo et al. Global archaeological theory: contextual voices and contemporary thoughts. New York: Kluwer Academic - Plenum Publishers, 2005.

LEROI-GOURHAN, André. Evolução e técnicas. São Paulo: Edições 70, 1984.

NEVES, Walter A. Um esqueleto incomoda muita gente... São Paulo: Unicamp, 2013.

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIALOU, Águeda Vilhena. Pré-história do Mato Grosso. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2005-2006 (2 vols.)

**Disciplina: Etnologia Ameríndia****Lotação:** ICHI **Código:** 10940 **Duração:** semestral**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 4º semestre**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 3**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Desafios Antropológicos Contemporâneos**Ementa:** Estudos das sociedades ameríndias nos seus aspectos sociais, econômicos, políticos, rituais, xamânicos e cosmológicos. Sociedades ameríndias e suas relações com as sociedades envolvidas.**Bibliografia Básica:**

CLASTRE, Pierre. A sociedade contra o Estado. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

TEMPASS, Martín César. A doce cosmologia Mbyá-Guarani: uma etnografia de saberes e sabores. Curitiba: Appris, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

**Bibliografia Complementar:**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, Manuela Carneiro da; CESARINO, Pedro de Niemeyer (org.). Políticas culturais e povos indígenas. São Paulo: Ed. Unesp, 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas: Papius, 2008.

TAUSSIG, Michael. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

**Disciplina: Fundamentos de Zooarqueologia****Lotação:** ICB **Código:** 15168 **Duração:** semestral**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 4º semestre**CH Total:** 60 **CH semanal:** 4 **Créditos:** 4**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Introdução a Arqueologia**Ementa:** Noções de Identificação anatômica e taxonômica. Interpretação ambiental e cultural dos contextos arqueológicos a partir dos restos faunísticos. Noções dos processos de deposição, preservação, resgate e amostragem.**Bibliografia Básica:**

REITZ, Elizabeth; WING, Elizabeth. Zooarchaeology. New York: Cambridge University Press, 2008.  
STORER, Tracy; USINGER, Robert. Zoologia geral. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.  
RUPPERT, E. F.; BARNES, D. Zoologia dos Invertebrados. São Paulo: Roca, 2005.

**Bibliografia complementar:**

ROMER, Alfred; PARSONS, Thomas. Anatomia comparada dos vertebrados. São Paulo: Atheneu, 1985.  
O'CONNOR, Terry. The archaeology of animal bones. [S.l]: Texas A&M University, 2008.  
RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueologia: teorias, métodos y práctica. Madrid: Akal, 2007.  
RIOS Eliézer et al (org.) Seashells of Brazil. Rio Grande: FURG, 1994.  
STORER, Terry et al. Biologia Animal Geral. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.  
LYMAN, R.L. Vertebrate Taphonomy. Cambridge. Cambridge University Press, 1994.

**Disciplina: Língua Francesa Instrumental I**

**Lotação:** ILA Código: 06070      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 4º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Visa desenvolver a capacidade de compreensão da língua escrita como preparação a consultas bibliográficas. Os textos serão autênticos e conterão informações de caráter geral.

**Bibliografia Básica:**

BESCHERELLE. L'art de conjuguer: dictionnaire des huit mille verbes usuels. Belo Horizonte: Itatiaia, 1959.

WAGNER, R. L.; PINCHON, J. Grammaire du français: classique et moderne. Paris: Librairie Hachette, 1962.

LIMA, Carmen. Le français: à travers des textes authentiques. Florianópolis: Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.

**Bibliografia Complementar:**

WEINRICH, Harald et al (org.). Grammaire textuelle du français. Paris: Didier/Hatier, 1989.

CHARAUDEAU, Patrick. Grammaire du sens et de l'expression. Paris: Hachette, 1992.

LAFITTE-HOUSSAT, J. et al (org.). Grammaire du français vivant. Paris: Librairie Larousse, 1965.

SOUSA, R. M. (org.) Instrumentalidade no ensino de línguas estrangeiras. Fortaleza: Ed. da Universidade Federal do Ceará, 1981.

ROBERT, Paul. Micro-Robert: dictionnaire du Français primordial. Paris: Le Robert, 1981.

**Disciplina: Arqueologia Urbana**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10482      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 4º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** Introdução a Arqueologia

**Ementa:** Paisagem como cultura material. A paisagem como construção social e como força ativa na criação, legitimação e mudança social. A paisagem como fonte de acesso a questões de ordem imateriais da cultura.

**Bibliografia Básica:**

YAMIN, Rebecca; METHENY, Karen (org.). Landscape archaeology: reading and interpreting the american historical landscape. Knoxville: The University of Tennessee, 1996.

MAYNE, Alan; MURRAY, Tim (org.). The archaeology of urban landscapes: explorations in slumland. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

KENT, Susan. Domestic architecture and the use of space: an interdisciplinary cross-cultural study. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

**Bibliografia Complementar:**

HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary (ed). The Cambridge companion to historical archaeology. New York: Cambridge University Press, 2006.

SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira. Arqueologias da escravidão e liberdade: senzalas, cultura material e

pós-emancipação na Fazenda do Colégio, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII a XX, Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

WALL, Diana DiZerega. The archaeology of gender: separating the spheres in urban America. New York: Plenum Publishers, 1994.

TILLEY, Christopher. A phenomenology of landscape: places, paths and monuments. Berg: Oxford, 1994.

BEAUDRY, Mary (org.). Documentary archaeology in the new world. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

ORSER Jr., Charles E. A historical archaeology of the modern world. New York: Plenum Publishing Corporation, 1996.

PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. Brasília: MEC/CAPES. Disponível em:

<<http://www.periodicos.capes.gov.br>>

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE - SciELO. Portal de periódicos.

Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>.

SCIENCE DIRECT. Elsevier B.V. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/>>.

### **Disciplina: Arqueologia Medieval**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10483      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 4º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Espaço religioso, espaço militar e espaço doméstico na Idade Média: a transformação do espaço construído do século X ao século XV na Europa Ocidental. A representação medieval do espaço: a confluência dos mundos fantásticos e materiais.

#### **Bibliografia Básica:**

LE GOFF, Jacques. Dicionário temático do ocidente medieval. Bauru: EDUSC, 2002.

LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente medieval. Bauru: EDUSC, 2005.

GILSON, Étienne. A filosofia na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

#### **Bibliografia Complementar:**

POISSON, Jean-Michel. Le Château médiéval, forteresse habitée, XI-XVIe s.: archéologie et histoire, perspectives de la recherche en Rhône-Alpes. Paris: Editions de la Maison des sciences de l'homme, 1992.

GAUTHIEZ, Bernard et al (org.). Village et ville au moyen age: les dynamiques morphologiques. Paris: Presses Universitaires François-Rabelais, 2003.

KIMBLE, G. H. T. A geografia na Idade Média. Eduel/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Londrina/São Paulo, 2005.

SHMESP. Construction de l'espace au Moyenne-Âge: pratiques et représentations. Publications de la Sorbonne. Congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public (SHMESP), Paris, 2007.

GRANDCHAMP, Pierre. Les demeures urbaines patriciennes et aristocratiques, XII-XIV siècles. Société Française d'Archéologie, Bulletin Monumental, tome 160, n. 1, 2002.

### **Disciplina: Arqueologia Colonial da Região Platina**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10484      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 4º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** Região Platina Colonial

**Ementa:** Estudo do desenvolvimento do processo histórico e da ocupação do espaço na Região Platina colonial, considerando os aspectos urbanos e rurais, os hábitos e modos de vida, a partir de trabalhos arqueológicos realizados no Brasil, Argentina e Uruguai.

#### **Bibliografia Básica:**

KERN, Arno. Arqueologia Histórica Missioneira. Porto Alegre: EDPU CRS, 1998.

ORSER Jr. Charles E. Introdução à arqueologia histórica. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

LEZAMA, Antonio. Escritos Bajo el Mar. Arqueología Marítima y Subacuática en el Río de La Plata. Montevideo: Linardi y Risso, 2009.

SCHAVELZON, Daniel. Arqueología de Buenos Aires. Emecé Editores. 1999

**Bibliografia Complementar:**

CORNERO, Silvia E. Aquellos, los que se quedaron. Arqueologia, Conservación y Museografía. Templo de San Francisco. Parque Arqueológico de Santa Fé La Vieja. Rosario: Consejo Federal de Investigaciones, 2008.

BARCELOS, Artur. Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas: o caso de São João Batista, Porto Alegre, EDPUCRS, 2000,

SCHÁVELZON, Daniel. Buenos Aires negra: arqueologia histórica de una ciudad silenciada. Buenos Aires, Emecé Editores, 2003.

SCHAVELZON, Daniel. Túneles de Buenos Aires, Histórias, mitos y verdades del subsuelo porteño Sudamericana. 2005

SILVA, Adriana Fraga da. Meu avô era tropeiro!?: identidade, patrimônio e materialidades na construção da Terra do Tropeirismo, Bom Jesus (RS). Porto Alegre, PUCRS, Dissertação de Mestrado, 2006.

**Disciplina: Introdução a Antropologia Biológica**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10775      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 4º semestre

**CH Total:** 60      **CH semanal:** 4      **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** A Antropologia Biológica, ou Antropologia Física, é a linha de pesquisa da ciência antropológica destinada ao estudo da biologia humana e dos mecanismos de evolução biológica, herança genética, adaptabilidade, variação e variabilidade humana com vistas à compreensão da natureza biológico-evolutiva e as interfaces biológico-culturais da espécie humana. Para tanto, a disciplina utiliza recursos de áreas correlatas, como a primatologia, em amplo sentido, Biologia, Genética, Anatomia, Fisiologia, Sociologia e Etologia, por exemplo, baseados nos arcabouços teóricos e metodológicos da Biologia Evolutiva e Antropologia, considerando, assim, as diferentes dimensões da diversidade, adaptação e adaptabilidade humanas. Na disciplina, os estudantes serão apresentados aos principais conceitos, modelos e teorias bioantropológicas clássicas e em desenvolvimento, a partir da familiarização com as diferentes áreas de aplicação e ferramentas de estudos em Antropologia Biológica, essenciais ao estudo da adaptabilidade humana e, conseqüentemente à Arqueologia.

**Bibliografia Básica:**

GOULD, Stephen. A falsa medida do homem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

STANFORD, Craig. Como nos tornamos humanos: um estudo da evolução da espécie humana. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2004.

FLOEY, Robert. Os humanos antes da humanidade: uma perspectiva evolucionista. São Paulo: UNESP, 2003.

FREEMAN, Scott; HERRON, Jon. Análise evolutiva. Porto Alegre: Artmed, 2009.

**Bibliografia Complementar:**

NAPIER, John. A mão do homem: anatomia, função, evolução. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CHILDE, V. Gordon. A evolução cultural do homem. Rio de Janeiro: G. Koogan, 1981.

MENDES, J. Caria. As origens do homem: bases anatômicas da hominização. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

LEAKEY, Richard; LEWIN, Roger. O povo do lago: o homem, suas origens, natureza e futuro. Brasília: Ed. UnB, 1996.

NETTER, Frank. Atlas de anatomia humana. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

**Período 5**

**Disciplina: Arqueologia do Capitalismo II**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10308      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 5º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3 **Créditos:** 03

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Arqueologia do Capitalismo I

**Ementa:** Arqueologia do capitalismo na sociedade urbano-industrial. Consumo, produção e identidades. Novas hierarquias e as mudanças no uso da cultura material. As segmentações do espaço e do tempo.

**Bibliografia Básica:**

HALL, Martin Historical archaeology. London, Wiley-Blackwell, 2006

HICKS, Dan The Cambridge companion to historical archaeology. Cambridge, Cambridge University Press; 2006

PALMER, Marilyn and Neaverson, Peter Industry in the landscape, 1700-1900 London: Routledge, 1994.

PALMER, Marilyn. Industrial archaeology: principles and practice. London Routledge; 1998

THOMAS, Julian. Archaeology and modernity. London, Routledge; 2004

**Bibliografia complementar:**

LIMA, T. A... El huevo de la serpiente: una arqueología del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XIX. Sed Non Satiata: Teoría social en la arqueología latinoamericana contemporánea. In: Zarrankin, A. e Acuto, F. (eds.). Buenos Aires: Ed. del Tridente, pp.189-238 1999

FOLEY, Vincent P.– On the Meaning of Industrial Archaeology. Historical Archaeology. New York City. pp. 66 –68. 1968

ORSER Jr., Charles E– A Historical Archaeology of the Modern World. New York/London, Plenum Press. 1996

PINARD, Jacques. – L'Archéologie industrielle. Paris, Presses Universitaires de France. 1985

THIESEN, Beatriz V. - "Significados nas representações escultóricas da fachada da Cervejaria Bopp & Irmãos, Porto Alegre", in: Anais do Museu Paulista, n.s., vol.14, n.1, p.167-194. São Paulo, Museu Paulista - Universidade de São Paulo, 2006.

**Disciplina: Metodologia da Pesquisa Arqueológica II**

**Lotação:** ICHI **Código:** 10314 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 5º semestre

**CH Total:** 60 **CH semanal:** 4 **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I **Pré-requisito:** Metodologia da Pesquisa Arqueológica I

**Ementa:** Reflexão sobre os objetivos da escavação: necessidade de uma problemática. Técnicas de escavação. Problema da seleção dos materiais. Técnicas de registro e gestão da escavação. Propostas para a elaboração de um projeto de escavação. Propostas para a elaboração do relatório final de uma intervenção arqueológica.

**Bibliografia Básica:**

BARKER, P. The techniques of archaeological excavation. London, Batsford, 1982.

DAVID, Bruno & THOMAS, Julian. Handbook of landscape archaeology. Walnut Creek, Left Coast Press, 2008.

KIPFER, Barbara Ann - The Archaeologist's Fieldwork Companion. Wiley-Blackwell, 2006. 488p.

RENFREW, Colin & BAHN, Paul. Arqueología. Teorías, métodos y práctica. Madrid, Ediciones Akal, 2007.

STEWART, R. Michael. Archaeology Basic field methods. Dubuque, Kendall/Hunt Publishing Company, 2002.

**Bibliografia Complementar:**

BARKER, P. The techniques of archaeological excavation. London, Batsford, 1982.

DEMOULE, Jean-Paul et al. Guide des méthodes de l'archéologie. Paris, Éditions La Découverte, 2002.

RANDOUIN, B. Enregistrement des données de fouilles urbaines. Tours, Centre National d'Archéologie Urbaine, 1987.

RENFREW, Colin & BAHN, Paul. Archaeology: theories, methods, and practice. London, Thames and hudson, 1991.

WHEELER, Mortimer. Archaeology from the Earth. Oxford, Clarendon Press, 1954.

**Disciplina: Modernidade e Capitalismo****Lotação:** ICHI      **Código:** 10317      **Duração:** semestral**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 5º semestre**CH Total:** 60      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 4**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Processo de formação da modernidade no mundo ocidental em suas estruturas, sistemas e relações; transformações estruturais, mudanças conjunturais, concepções e conceitos que marcaram a transformação histórica para a modernidade. Elaboração da figura do homem moderno: humanismo, individualismo, racionalismo e liberalismo.

**Bibliografia Básica:**

ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado Absolutista. São Paulo: Brasiliense, 1989.  
BURKHARDT, Jacob. A cultura do Renascimento na Itália. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.  
DARTON, Robert Darnton. O massacre de gatos. S. P.: Cia das Letras, 1988.  
THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.  
WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira Editora, 1983.

**Bibliografia Complementar:**

DOBB, Maurice. A evolução do capitalismo. São Paulo: Zahar Ed., 1977.  
HECKSCHER, Eli F. La época mercantilista. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.  
HILL, Christopher. O mundo de ponta-cabeça. São Paulo: Cia das Letras, 1987.  
PIRENNE, Pirenne. História econômica e social da Idade Média. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1975.  
SOBOUL, Albert. História da Revolução Francesa. Zahar Ed., 1981.

**Disciplina: Sociedades Pré-coloniais II****Lotação:** ICHI      **Código:** 10942      **Duração:** semestral**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 5º semestre**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** Sociedades Pré-Coloniais I

**Ementa:** As economias na América do início do Formativo até os primórdios da colonização europeia. O fenômeno urbano na América desde sua origem até o contato europeu. As sociedades pré-coloniais brasileiras.

**Bibliografia Básica:**

FUNARI, Pedro Paulo, NOELLI, Francisco Silva. Pré-história do Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.  
NEVES, Eduardo Góes. Arqueologia da Amazônia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.  
PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: Ed. UnB, 1992.  
PROUS, André. Arte pré-histórica do Brasil. Belo Horizonte: C / Arte, 2007.

**Bibliografia Complementar:**

GASPAR, Madu. Sambaqui. arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.  
GOMES, Denise Maria Cavalcante. Cotidiano e poder na Amazônia Pré-colonial. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 2008.  
HETZEL, Bia; NEGREIROS, Silvia (org.). Prehistory of Brazil / Pré-história do Brasil. Rio de Janeiro: Manati, 2007.  
MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti. Arqueologia Guarani no litoral sul do Brasil. Curitiba: Appris, 2014.  
PESSIS, Anne-Marie. Images de la préhistoire. São Raimundo Nonato: FUNDHAM, 2003.

**Disciplina: Arqueologia Pública e Comunitária****Lotação:** ICHI      **Código:** 10943      **Duração:** semestral**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 5º semestre**CH Total:** 30      **CH semanal:** 2      **Créditos:** 2**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** Introdução à Arqueologia

**Ementa:** A Arqueologia enquanto prática social. A relação entre o público e o patrimônio arqueológico.

Arqueologias colaborativas, comunitárias e indígenas e seus efeitos sobre a prática e a teoria arqueológica. Compromisso ético e Arqueologia Pública no Brasil.

**Bibliografia Básica:**

FUNARI, Pedro Paulo et al (org.). Arqueologia pública e patrimônio: questões atuais. Criciúma: Ed. da Universidade Estadual de Santa Catarina, 2015.

FUNARI, Pedro Paulo et al (org.). Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea. São Paulo: FAPESP / Annablume, 2005.

MARTÍNEZ, Víctor M. Fernández. Una arqueología crítica: ciencia, ética y política en la construcción del pasado. Barcelona: Crítica, 2006.

**Bibliografia Complementar:**

FUNARI, Pedro Paulo et al (org.). Arqueologia histórica, memória e patrimônio em perspectiva multidisciplinar. Pelotas: Instituto de Memória e Patrimônio, 2009.

JORGE, Vítor Oliveira. Arqueologia, patrimônio e cultura. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

LAYTON, Robert. Who needs the past? indigenous values and archaeology. London: Routledge, 1989.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueología: teorías, métodos y práctica. Madrid: Akal, 2007.

SHACKEL, Paul A. Places in mind: public archaeology as applied anthropology. New York: Routledge, 2004.

**Disciplina: Bioarqueologia**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 12041      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 5º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Análise dos remanescentes humanos provenientes de sítios arqueológicos e coleções etnográficas de forma a permitir a interpretação daqueles achados e a resposta a algumas questões fundamentais para a Arqueologia: quem eram, quando viveram e principalmente como viveram. Identificação osteobiográfica dos indivíduos, caracterização de séries, e sua correlação ao contexto cultural do qual se originaram, com base na íntima e indissociável relação entre os aspectos biológicos e culturais na espécie humana e na possibilidade de recuperar através de indícios biológicos informações sobre os grupos humanos e seu comportamento passado.

**Bibliografia Básica:**

AUFDERHEIDE, Arthur et al (org.). The cambridge encyclopedia of human paleopathology. New York: Cambridge University Press, 1998.

MAYS, Simon. The archaeology of human bones. London: Routledge, 1998.

NETTER, Frank. Atlas de anatomia humana. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

ARAÚJO, Adauto José; FERREIRA, Luiz Fernando (org.). Paleopatologia e paleoepidemiologia: estudos multidisciplinares. Rio de Janeiro: Panorama ENSP, 1992.

NEVES, Walter. Um esqueleto incomoda muita gente... São Paulo: Unicamp, 2013.

**Bibliografia complementar:**

CASTRO, Sebastião Vicente. Anatomia fundamental. São Paulo: McGraw-Hill, 1985.

WELLS, Calvin. Ossos, corpos e doenças. Lisboa: Verbo, 1971.

O'CONNOR, Terry. The archaeology of animal bones. [S.l]: Texas A&M University, 2008.

HILLSON, Simon. Dental anthropology. Cambridge: University Press, 1996.

RIBEIRO, Marly. Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

TRIGGER, Bruce. História do pensamento arqueológico. São Paulo: Odysseus, 2004.

**Disciplina: Gerenciamento Costeiro Integrado**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 05196 **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 5º semestre

**CH Total:** 60      **CH semanal:** 4      **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Visão Integrada da Zona Costeira; Gerenciamento costeiro; A costa brasileira – características, principais problemas; Estratégias de gestão; A arqueologia e o Gerenciamento Costeiro Integrado.

**Bibliografia Básica:**

BRASIL. Macro diagnóstico da Zona Costeira na escala da União. Ministério do Meio Ambiente - MMA. UFRJ, FUJB, LAGET. Brasília, DF: Programa Nacional do Meio Ambiente, 1996.

BRASIL. Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro. Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. Brasília, DF: CIRM, 1990.

BRASIL. Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro II. Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. Brasília, DF: CIRM, 1997.

**Bibliografia complementar:**

CICIN-SAIN, B & KNECHT, R. Integrated coastal and ocean management: concepts and practices. Washington D.C: Island Press, 1998. 517 p.

CLARK, J.R. 1977. Coastal Ecosystem Management. New York: John Wiley & Sons, inc. 928 p.

CICIN-SAIN, B & KNECHT, R. Integrated coastal and ocean management: concepts and practices. Washington D.C: Island Press, 1998. 517 p.

REIS, E.G.; TAGLIANI, C.R.; CALLIARI, L.J. & BERGESCH, M. 2005. Gerenciamento Costeiro Integrado: Papel dos Municípios. TSC Brasil (FURG/CIRM/ONU), 1ª. edição, material de treinamento (Programa Train-Sea-Coast Brasil).

POLETTE, M. 2004. Avaliação do processo de gerenciamento costeiro no Brasil: Bases para discussão – Estudo de caso dos estados de São Paulo, Santa Catarina e Pernambuco. Rede de Líderes para a Aprendizagem Coletiva dos Ecossistemas Costeiros (Ecocostas).

**Disciplina: Arqueologia da Morte**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10470      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 5º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Conhecer o tratamento dos restos funerários através da história da Arqueologia, centrando o tema na pré-história. Analisar as diferentes linhas de investigação que permitem esse estudo. Revisar as diferentes metodologias de trabalho nas diferentes posturas teóricas

**Bibliografia Básica:**

CLARK, Grahame. A pré-história. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LEROI-GOURHAN, André. As religiões da pré-história: paleolítico. Lisboa: Edições 70, 1964.

TRIGGER, Bruce. História do pensamento arqueológico. São Paulo: Odysseus, 2004.

RENFREW, C.; BAHN, P. Arqueología. Teorías, Métodos y Práctica, Madrid: Ed. Akal, 1993.

BADCOCK, C.R. Levi-Strauss: estruturalismo e teoria sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

**Bibliografia Complementar:**

ARAÚJO, Luis Manuel. Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FUNARI, Pedro P. Arqueologia. São Paulo: Contexto, 2010.

VERGNE, Cleonice. Cemitérios do Justino: estudo sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe

MAYS, Simon. The archaeology of human bones. London: Routledge, 1998.

**Disciplina: Antropologia Visual**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10481      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 5º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** O lugar da imagem na pesquisa etnográfica. O recurso audiovisual como modo de investigação dos grupos humanos. Os precursores do filme etnográfico. As relações entre antropologia e imagem. O

campo da antropologia visual no Brasil.

**Bibliografia Básica:**

FREIRE, Marcius; LOURDOU, Philippe. Descrever o visível: cinema documentário e antropologia fílmica. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

BARBOSA, Andréa et al (org.). Imagem-conhecimento: Antropologia, cinema e outros diálogos. Campinas: Papirus, 2009.

MARTINS, José de Souza et al (org.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2005.

**Bibliografia Complementar:**

RANCIÈRE, Jacques. A fábula cinematográfica. Campinas: Papirus, 2013.

DELEUZE, Gilles. A imagem-tempo: cinema 2. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ANDRADE, Rosane de. Fotografia e antropologia: olhares fora – dentro. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

CAPELATO, Maria Helena et al. (org.). História e cinema: dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Alameda, 2011.

AUMONT, Jacques. O olho interminável (cinema e pintura). São Paulo: Cosacnaify, 2004.

**Disciplina: Oficina de Etnografia**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10947      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 5º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Implicações teórico-metodológicas e epistemológicas na produção do conhecimento antropológico e da escrita etnográfica. Etnografia no âmbito das aproximações entre Arqueologia, Antropologia e Educação. Atividades práticas/sensoriais a partir de questões/pesquisas etnográficas. Etnografia como processo de interação e aprendizagem.

**Bibliografia Básica:**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Diário de campo: a antropologia como alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GEERTZ, Clifford. Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel (org.). Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

**Bibliografia Complementar:**

DURHAM, Eunice et al. (org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KUPER, Adam. Antropólogos e Antropologia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MALINOWSKI, B. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

MARTINS, José de Souza et al (org.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru: Edusc, 2005.

**Disciplina: Tópicos Especiais de Biologia Aplicada à Arqueologia**

**Lotação:** ICB      **Código:** 15169      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 5º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 4      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Ementa variável voltada a abordagens interdisciplinares envolvendo pesquisas de cunho biológico relacionadas à interpretação de vestígios arqueológicos, dentro das áreas de Bioantropologia, Arqueobotânica e Zooarqueologia.

**Bibliografia Básica**

Bibliografia variável conforme o tópico escolhido.

## Periodo 6

**Disciplina: Tecnologias cerâmicas**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10301      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 6º semestre

**CH Total:** 60      **CH semanal:** 4      **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** A cerâmica como documento. Panorama das técnicas de fabricação da cerâmica. Teorias e metodologias das classificações cerâmicas: tipologias e seriações. Produção, função e circulação: o recurso das ciências físicas. O problema da quantificação.

**Bibliografia Básica:**

GIBSON, A - Prehistoric pottery: some recent research. BAR. Oxford, Archaeopress, 2006, 116p.

LIVINGSTONE-SMITH, Alexandre & BOSQUET, Dominique. Pottery manufacturing processes: re-constitution and interpretation. BAR. Oxford, Archaeopress, 2005, 228p.

MEGGERS, B.J. & EVANS, C. Como interpretar a linguagem da cerâmica. Smithsonian Institution, Washington, 1970.

SHEPPARD, A.O. Ceramics for the archaeologist. Carnegie Institution of Washington, Washington, 1963.

SINOPOLI, Carla M. Approaches to archaeological ceramics. New York, Plenum Press, 1991.

**Bibliografia Complementar:**

ARCELIN, Patrice & TUFFREAU-LIBRE, Marie (dirs.). La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la Table Ronde du Centre Archéologiques Européen du Mont-Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 avril 1998). Glux-en-Glenne, Bibracte-Centre Archéologique du Mont-Beuvray, 1998.

ARNOLD, D.E. Ceramic Theory and Cultural Process. Cambridge University Press, Cambridge, 1985.

BARRELET, Marie-Thérèse & GARDIN, Jean-Claude (org.). À propos des interprétations archéologiques de la poterie: questions ouvertes. Paris, Éditions Recherche sur les Civilisations, 1986

NELSON, Ben A. (ed.). Decoding prehistoric ceramics. Carbondale, Southern Illinois University Press, 1985.

SKIBO, James M. Pottery function. A use-alteration perspective. New York, Plenum Press, 1992

**Disciplina: Tecnologias líticas**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10302      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 6º semestre

**CH Total:** 60      **CH semanal:** 4      **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** O material lítico como documento. Técnicas de análises líticas e representação gráfica. Sistemas de classificação lítica. Material lítico e sociedade. Indústrias líticas na América.

**Bibliografia Básica:**

ANDREFSKY, William. 2006 Lithics: Macroscopic Approaches to Analysis. Cambridge, Cambridge University Press

ANDREFSKY, William. 2005 Lithics Debitage. University of Utah Press.

SEMENOV, S.A. Prehistoric technology. Bath, 1973

TIXIER, J., INIZAN, M.I., & ROCHE, H. - Préhistoire de la pierre taillée. Valbonne, 1980.

PROUS, André. "Os Artefatos Líticos, Elementos Descritivos Classificatórios".in: Arquivos do Museu de História Natural UFMG, vol 11 p. 1-89. 1986/90.

**Bibliografia complementar:**

BRÉZILLON, M.N. - La dénomination des objets de pierre taillée. Matériaux pour un vocabulaire des préhistoriens de langue française. Paris, Éditions du CNRS, 1968

BOËDA, E; GENESTE, J.M. e MEIGNEN, L. "Identification de Chaines Opertoires Lithiques du Paléolithique Ancien et Moyen", in: PALEO: Revue d'Achéologie Préhistorique, 2: 43-80. 1990.

GENESTE, J.M. "Système Techniques de Production Lithique: Variation Technoéconomiques dans les processus de réalisation des outillages paléolithiques" In: Techniques et Culture Hoeltz, Sirlei E. Artesão e artefatos pre-históricos do Vale do rio Pardo. Santa Cruz do Sul. EDUNISC. 1999

KERN, Arno A (org.). Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Mercado Aberto 1991

**Disciplina: Tecnologia das louças, vidros e metais**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10303      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 6º semestre

**CH Total:** 60      **CH semanal:** 4      **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Análise dos diferentes materiais e sua importância na compreensão da produção e do consumo na sociedade moderna.

**Bibliografia Básica:**

HUME, Ivor. A guide to artifacts of colonial america. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1969.

KOVEL, Ralph; KOVEL, Terry. Kovels' new dictionary of marks. New York: Randon House Reference, 1986.

BEAUDRY, Mary C (ed.). Documentary archaeology in the new world. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

TOULOUSE, Julian. Bottle makers and their marks. Caldwell: The Blackburn Press, 1971.

**Bibliografia Complementar:**

HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary. The oxford handbook of material culture studies. Oxford: Oxford University, 2010.

ORTON, Clive et al. Pottery in archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de et al. A arqueologia vai ao hospital: pesquisa arqueológica para a implantação do Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense, 2009.

JAMBO, Hermano et al. Corrosão: fundamentos, monitoria e controle. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

COYSH, A. W.; HENRYWOOD, R. K. The dictionary of blue and white printed Pottery 1780-1880. Suffolk: Antique Collectors' Club, 1989.

**Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso I**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10362      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 6º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema II      **Pré-requisito:** Metodologia da Pesquisa Arqueológica II

**Ementa:** Elaboração do projeto de pesquisa para o TCC.

**Bibliografia Básica:**

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueologia: teorías, métodos y práctica. Madrid: Akal, 2007.

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: Ed. UnB, 1992.

THOMAS, Julian. Archaeology and modernity. London: Routledge, 2004.

HODDER, Ian; HUTSON, Scott. Reading the past: current approaches to interpretation in archeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HODDER, Ian. Archaeological theory today. Cambridge: Polity, 2001.

**Bibliografia Complementar:**

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2007.

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira (org.). Caminhos do pensamento: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

**Disciplina: Arqueologia e Educação****Lotação:** ICHI      **Código:** 10944      **Duração:** semestral**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 6º semestre**CH Total:** 30      **CH semanal:** 2      **Créditos:** 2**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** Arqueologia Pública e Comunitária**Ementa:** A relação entre Arqueologia, Educação e Patrimônio Cultural. A inserção da Educação Patrimonial na prática arqueológica. O papel do/a arqueólogo/a como educador/a. Os usos e as potencialidades da cultura material na prática educativa. As contribuições da Arqueologia nos espaços formais e informais de educação. Interfaces entre Patrimônio, Meio Ambiente e Educação.**Bibliografia Básica:**

BEZERRA, Marcia et al (org.). Arqueologia e educação patrimonial em Serra Leste. Belém: GKNoronha, 2012.

CERQUEIRA, Fábio Vergara et al (org.). Educação patrimonial: perspectivas multidisciplinares. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2008.

ZANON, Elisa Roberta et al (org.). Educação patrimonial: da teoria à prática. Londrina: UniFil, 2009.

**Bibliografia Complementar:**

FUNARI, Pedro Paulo et al (org.). Arqueologia pública e patrimônio: questões atuais. Criciúma: Ed. da Universidade Estadual de Santa Catarina, 2015.

FUNARI, Pedro Paulo et al (org.). Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea. São Paulo: FAPESP / Annablume, 2005.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras (org.). Guia básico de educação patrimonial. Brasília: Iphan, 2009.

JORGE, Vítor Oliveira. Arqueologia, património e cultura. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

MARTÍNEZ, Víctor M. Fernández. Una arqueología crítica: ciencia, ética y política en la construcción del pasado. Barcelona: Crítica, 2006.

**Disciplina: Extensão em Arqueologia na Prática Escolar****Lotação:** ICHI      **Código:** 10955      **Duração:** semestral**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 6º semestre**CH Total:** 90      **CH semanal:** 6      **Créditos:** 6**Sistema de Avaliação:** Apto / Não-Apto      **Pré-requisito:** Metodologia da Pesquisa Arqueológica II**Ementa:** Desenvolvimento de ações extensionistas com as temáticas e conteúdo da Arqueologia contemporânea. Interface entre os campos da Arqueologia, da Educação e do Patrimônio Cultural. Articulação entre formação acadêmica interdisciplinar, vivência em campo e integração com a comunidade escolar.**Bibliografia Básica:**

ROCHA Jr., Alberto Ferreira (org.). Cultura e extensão universitária: a produção de conhecimento comprometida com o desenvolvimento social. Belo Horizonte: Malta, 2008.

SANTOS, Renato Quintino. Educação e extensão: domesticar ou libertar? Petrópolis: Vozes, 1986.

CALDERON, Adolfo Ignacio; SAMPAIO, Helena (org.). Extensão universitária: ação comunitária em universidades brasileiras. São Paulo: Olho d'água, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo et al (org.). Arqueologia pública e patrimônio: questões atuais. Criciúma: Ed. da Universidade Estadual de Santa Catarina, 2015.

JORGE, Vítor Oliveira. Arqueologia, património e cultura. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

BEZERRA, Marcia et al (org.). Arqueologia e educação patrimonial em Serra Leste. Belém: GKNoronha, 2012.

KERN, Arno Alvarez. Arqueologia: o futuro de nosso passado. Rio Grande: Editora da Universidade Federal do Rio Grande, 2022.

**Bibliografia Complementar:**

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TOLFO, Cristiano (org.). Relatos de extensão universitária. Bagé: Ed. da Universidade da Região da Campanha, 2018.

MACIEL, Alberlândia. A universidade e o princípio da indissociabilidade: entre ensino, pesquisa e extensão: utopia ou realidade? Rio Branco: Ed. da Universidade Federal do Acre, 2018.

SULZBACH, Mayra; DENARDIN, Valdir (org.). A inclusão, a inserção, a interação, a investigação...: os in(s) da extensão no litoral do Paraná. Matinhos: UFPR litoral, 2013.

REZENDE, Eliane Garcia (org.). Extensão universitária: diálogos e possibilidades (vol. 1). Alfenas: Ed. da Universidade Federal de Alfenas, 2017.

REZENDE, Eliane Garcia (org.). Extensão universitária: diálogos e possibilidades (vol. 2). Alfenas: Ed. da Universidade Federal de Alfenas, 2020.

**Disciplina: História e fotografia**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10319      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 6º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** História da fotografia. Fotografia como instrumento de pesquisa e representação do outro. Leitura da imagem fotográfica: análise crítica e contextual, conteúdo e expressão.

**Bibliografia Básica:**

SONTAG, Susan. Ensaio sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Arbor, 1983.

FABRIS, Annateresa et al. (org.). Fotografia: usos e funções no século XIX. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1998.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Atica, 1989.

**Bibliografia Complementar:** DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papirus, 2009.

CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda. A leitura de imagens na pesquisa social. São Paulo: Cortez, 2004.

LEITE, Miriam Moreira. Retratos de família: leitura da fotografia histórica. São Paulo: EDUSP, 2000.

**Disciplina: Tópicos Especiais de Arqueologia das Sociedades Pré-Coloniais**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10322      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 6º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Aprofundamento dos diferentes temas sobre a América pré-colonial, apresentando o histórico do seu desenvolvimento, os marcos teóricos e os métodos utilizados nas abordagens anteriores e atuais. Será ministrada por diferentes professores, inclusive convidados, tendo como temas principais: o povoamento inicial do continente americano e do território brasileiro; caçadores-coletores; grafismos rupestres; pesquisa arqueológica em sambaqui; horticultores ceramistas, entre outros.

**Bibliografia Básica:**

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: Ed. UnB, 1992.

PROUS, André. O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história de nosso país. Brasília: Zahar, 2007.

NEVES, Eduardo Góes. Arqueologia da Amazônia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SILVA, Hilton P., RODRIGUES-CARVALHO, Claudia (orgs.). Nossa origem: o povoamento das Américas: visões multidisciplinares. Rio de Janeiro: Vieira e Lentz, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo, NOELLI, Francisco Silva. Pré-história do Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.

PROUS, André. Arte pré-histórica do Brasil. Belo Horizonte: C / Arte, 2007.

**Bibliografia Complementar:**

PESSIS, Anne-Marie, MARTIN, Gabriela, GUIDON, Niède. Os biomas e as sociedades humanas na pré-história da região do parque nacional Serra da Capivara, Brasil. São Paulo: A&A Comunicação, 2014.

REIS, José Alberione dos. Arqueologia dos buracos de bugre: uma pré-história do planalto meridional. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo et al. Global archaeological theory: contextual voices and contemporary thoughts. New York: Kluwer Academic - Plenum Publishers, 2005.

GUIDON, Niéde, NUNES, Luíza Beth Alonso, PESSIS, Anne-Marie. A água e o berço do homem americano. Piauí: Fundação Museu do Homem americano, 2011.  
KERN, Arno A. (org.). Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.  
VIALOU, Águeda Vilhena. Pré-história do Mato Grosso. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

**Disciplina: Processos Evolutivos**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10774      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 6º semestre

**CH Total:** 60 **CH semanal:** 4      **Créditos:** 4

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** A compreensão dos padrões e mecanismos relacionados ao surgimento e evolução de um grupo é fundamental para a investigação das diferentes dimensões de sua vida. Para tanto, o estudo dos mecanismos genéticos e ambientais que modulam a continuidade, a mudança e a extinção das formas de vida representa o fundamento básico para o entendimento da evolução de um grupo, e constituem a base para o estudo dos processos evolutivos. Notadamente, a teoria evolutiva impactou, seriamente, uma série de áreas do conhecimento além das Ciências Biológicas. Uma dessas áreas, a Arqueologia reagiu ao conhecimento evolutivo através do surgimento de uma linha teórico-metodológica híbrida, a Arqueologia Evolutiva, infelizmente, ainda pouca difundida no meio acadêmico brasileiro. A disciplina objetiva apresentar os conceitos básicos em Evolução, discutindo os principais padrões e processos relacionados ao surgimento e evolução dos grupos, e a importância desses processos para a compreensão da diversidade observada no ambiente. Deverão ser abordados, ainda, os conceitos fundamentais de Arqueologia Evolutiva, com a exposição de suas teorias e métodos, como ferramenta alternativa para a investigação das sociedades humanas.

**Bibliografia Básica:**

AMORIM, Dalton de Souza. Fundamentos de sistemática filogenética. Ribeirão Preto: Holos, 2002.

RIDLEY, Mark. Evolução. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUNNELL, Robert. Classificação em arqueologia. São Paulo: Edusp, 2007.

FREEMAN, Scott; HERRON, Jon. Análise evolutiva. Porto Alegre: Artmed, 2009.

**Bibliografia Complementar:**

HARTL, Daniel; CLARK, Andrew. Principles of population genetics. Massachusetts: Sinauer, 1989.

TEIXEIRA, Wilson et al. Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.

ZIMMER, Carl. A beira d'água: macro evolução e a transformação da vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MAYR, Ernst. Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

STEARNS, Stephen; HOEKSTRA, Rolf. Evolução: uma introdução. São Paulo: Atheneu, 2003.

SNUSTAD, Peter; SIMMONS, Michael. Fundamentos de genética. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

FUTUYMA, Douglas. Biologia evolutiva. Ribeirão Preto: Funpec, 2009.

**Disciplina: Ambientes e Aprendizagens**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10948      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 6º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Abordagens sobre a relação entre ambiente, cultura, aprendizagem e território. As interfaces entre Arqueologia, Antropologia e Educação Ambiental. As epistemologias ecológicas e a dissolução das dicotomias natureza/cultura, indivíduo/sociedade, corpo/mente, pessoa/mundo, humanos/não-humanos.

**Bibliografia Básica:**

BECK, U; GIDDENS, A; LASH, S. (orgs). Modernização reflexiva. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

CARVALHO, I. C. M. A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

EVANS-PRITCHARD, E.E.E. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GIDDENS, A. As Conseqüências da Modernidade. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

**Bibliografia Complementar:**

ACSELRAD, Henri (org.) Meio Ambiente e Democracia. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.

BAPTISTA DA SILVA, S. (Org.). São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004

BRANDÃO, C. R. Somos as águas puras. Campinas: Papirus, 1994.

CASTRO, E. PINTON, F. (Orgs.) Faces do Trópico úmido. Ed. CEJUP, 1997.

LATOUR, B. Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2009.

### Periodo 7

**Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso II**

**Lotação:** ICHI      **Código:**10363 **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória **Localização no QSL:** 7º semestre

**CH Total:** 90      **CH semanal:** 6      **Créditos:** 6

**Sistema de Avaliação:** sistema II      **Pré-requisito:** Trabalho de Conclusão de Curso I

**Ementa:** Plano provisório da monografia. Elaboração do marco teórico e execução da pesquisa. Apresentação de um capítulo da monografia.

**Bibliografia Básica:**

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueología: teorías, métodos y práctica. Madrid: Akal, 2007.

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: Ed. UnB, 1992.

THOMAS, Julian. Archaeology and modernity. London: Routledge, 2004.

HODDER, Ian; HUTSON, Scott. Reading the past: current approaches to interpretation in archeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HODDER, Ian. Archaeological theory today. Cambridge: Polity, 2001.

**Bibliografia Complementar:**

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2007.

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira (org.). Caminhos do pensamento: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

**Disciplina: Etnoarqueologia I**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10945      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 7º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** Etnologia Ameríndia

**Ementa:** Etnoarqueologia, disciplina, método ou enfoque particular. Fontes, possibilidades e limites. Sociedades indígenas e a visão dos seus contemporâneos. Diálogos e aproximações entre Arqueologia, Antropologia e Etnografia. O potencial da Etnoarqueologia para abordar outras formas de pensamento e cosmovisões.

**Bibliografia Básica:**

AGUIAR, Rodrigo et al (org.). Arqueologia, etnologia e etno-história em iberoamérica: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2010.

CASTAÑEDA, Quetzil; MATTHEWS, Christopher. Ethnographic archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices. Lanham: AltaMira Press, 2008.

DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol. Ethnoarchaeology in action. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

**Bibliografia Complementar:**

BARRETO, Mauro Vianna. Abordando o passado: uma introdução à arqueologia. Belém: Paka-Tatu, 2010.

GOMES, Mércio Pereira. Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura. São Paulo: Contexto, 2008.

JONES, Siân. The archaeology of ethnicity: constructing identities in the past. London: Routledge, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Archaeology: the key concepts. London: Routledge, 2005.

**Disciplina: Extensão em Divulgação Científica na Arqueologia**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10956      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 7º semestre

**CH Total:** 90 **CH semanal:** 6      **Créditos:** 6

**Sistema de Avaliação:** Apto / Não-Apto **Pré-requisito:** Extensão em Arqueologia na Prática Escolar

**Ementa:** Desenvolvimento de ações extensionistas com as temáticas e conteúdos da Arqueologia contemporânea. Divulgação do conhecimento arqueológico para o público em geral. Articulação entre formação acadêmica interdisciplinar, vivência em campo e integração com a comunidade local.

**Bibliografia Básica:**

ROCHA Jr., Alberto Ferreira (org.). Cultura e extensão universitária: a produção de conhecimento comprometida com o desenvolvimento social. Belo Horizonte: Malta, 2008.

SANTOS, Renato Quintino. Educação e extensão: domesticar ou libertar? Petrópolis: Vozes, 1986.

CALDERON, Adolfo Ignacio; SAMPAIO, Helena (org.). Extensão universitária: ação comunitária em universidades brasileiras. São Paulo: Olho d'água, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo et al (org.). Arqueologia pública e patrimônio: questões atuais. Criciúma: Ed. da Universidade Estadual de Santa Catarina, 2015.

JORGE, Vítor Oliveira. Arqueologia, patrimônio e cultura. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

BEZERRA, Marcia et al (org.). Arqueologia e educação patrimonial em Serra Leste. Belém: GKNoronha, 2012.

KERN, Arno Alvarez. Arqueologia: o futuro de nosso passado. Rio Grande: Editora da Universidade Federal do Rio Grande, 2022.

**Bibliografia Complementar:**

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TOLFO, Cristiano (org.). Relatos de extensão universitária. Bagé: Ed. da Universidade da Região da Campanha, 2018.

MACIEL, Alberlândia. A universidade e o princípio da indissociabilidade: entre ensino, pesquisa e extensão: utopia ou realidade? Rio Branco: Ed. da Universidade Federal do Acre, 2018.

SULZBACH, Mayra; DENARDIN, Valdir (org.). A inclusão, a inserção, a interação, a investigação...: os in(s) da extensão no litoral do Paraná. Matinhos: UFPR litoral, 2013.

REZENDE, Eliane Garcia (org.). Extensão universitária: diálogos e possibilidades (vol. 1). Alfenas: Ed. da Universidade Federal de Alfenas, 2017.

REZENDE, Eliane Garcia (org.). Extensão universitária: diálogos e possibilidades (vol. 2). Alfenas: Ed. da Universidade Federal de Alfenas, 2020.

**Disciplina: Tópicos Especiais em Arqueologia do Capitalismo**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10323      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 7º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** O curso tem como objetivo aprofundar diferentes temas em Arqueologia do Capitalismo, com ênfase particular nos seus aspectos teóricos e metodológicos. Será ministrada por diferentes professores, inclusive convidados.

**Bibliografia Básica:**

Bibliografia variável conforme o tópico escolhido.

**Disciplina: Seminários de Arqueologia Brasileira**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10485      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 7º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** Introdução à Arqueologia

**Ementa:** A disciplina se propõe a apresentar e discutir estudos de casos em pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Brasil ligadas aos períodos pré-colonial e pós- ocupação europeia.

**Bibliografia Básica:**

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília, UNB, 1991.

FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia. Contexto Editora, 2003.

KERN, Arno Alvarez. Arqueologia: o futuro de nosso passado. Rio Grande: Editora da Universidade Federal do Rio Grande, 2022.

**Bibliografia Complementar:**

FUNARI, Pedro Paulo et al (org.). Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea. São Paulo: FAPESP/ANNABLUME, 2005.

NASTRI, Javier; FERREIRA, Lúcio Menezes (org.). Histórias de arqueologia sudamericana. Buenos Aires: Fundación de História Natural Félix de Azara / Universidad Maimónides, 2010.

SCHAAN, Denise; BEZERRA, Marcia (org.). Construindo a arqueologia no Brasil. Belém: GKNoronha, 2009.

REIS, José Alberione dos. "Não pensa muito que dói": um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

BARRETO, Mauro Vianna. Abordando o passado: uma introdução à arqueologia. Belém: Paka-Tatu, 2010.

**Disciplina: Tópicos especiais em Arqueologia do capitalismo II**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10949      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 7º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Arqueologia da sociedade global. Uniformização e resistência. Grupos subalternos, culturas populares e resistência.

**Bibliografia Básica:**

Bibliografia variável conforme o tópico escolhido.

**Disciplina: Tópicos Especiais em Antropologia I**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10950      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 7º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Estudo de temas e pesquisas específicas em Antropologia.

**Bibliografia Básica:**

GOMES, Mércio Pereira. Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura. São Paulo: Contexto, 2008.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo. Cosac Naify, 2010.

**Bibliografia Complementar:**

DURHAM, Eunice et al. (org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KUPER, Adam. Antropólogos e Antropologia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

**Disciplina: Antropologia e Arqueologia da Religião**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10951      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 7º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** A perspectiva antropológica para os estudos sobre a religião, a religiosidade e o sagrado. Arqueologia dos espaços sagrados. A relação entre as ciências antropológica e arqueológica e o fenômeno religioso. Estudos etnográficos da religião. Religião e cultura material.

**Bibliografia Básica:**

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAUSS, Marcel. Sobre o sacrifício. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

**Bibliografia Complementar:**

BATAILLE, Georges. Teoria da religião. São Paulo: Ática, 1993.

CLASTRES, Pierre. A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. Campinas: Papyrus, 1990.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O totemismo hoje. Lisboa: Edições 70, 2003.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

**Periodo 8**

**Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso III**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10946      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 8º semestre

**CH Total:** 90      **CH semanal:** 6      **Créditos:** 6

**Sistema de Avaliação:** sistema II      **Pré-requisito:** Trabalho de Conclusão de Curso II

**Ementa:** Redação e defesa da monografia.

**Bibliografia Básica:**

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueología: teorías, métodos y práctica. Madrid: Akal, 2007.

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: Ed. UnB, 1992.

THOMAS, Julian. Archaeology and modernity. London: Routledge, 2004.

HODDER, Ian; HUTSON, Scott. Reading the past: current approaches to interpretation in archeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HODDER, Ian. Archaeological theory today. Cambridge: Polity, 2001.

**Bibliografia Complementar:**

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2007.

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira (org.). Caminhos do pensamento: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.  
ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2012.  
KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

**Disciplina: Extensão em Arqueologia Comunitária**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10957      **Duração:** semestral

**Caráter:** obrigatória      **Localização no QSL:** 8º semestre

**CH Total:** 90 **CH semanal:** 6      **Créditos:** 6

**Sistema de Avaliação:** Apto / Não-Apto **Pré-requisito:** Ext. em Divulgação Científica na Arqueologia

**Ementa:** Desenvolvimento de ações extensionistas com as temáticas e conteúdos da Arqueologia contemporânea. Diálogo intercultural e a produção compartilhada de saberes. Articulação entre formação acadêmica interdisciplinar, vivência em campo e integração com a comunidade local.

**Bibliografia Básica:**

ROCHA Jr., Alberto Ferreira (org.). Cultura e extensão universitária: a produção de conhecimento comprometida com o desenvolvimento social. Belo Horizonte: Malta, 2008.

SANTOS, Renato Quintino. Educação e extensão: domesticar ou libertar? Petrópolis: Vozes, 1986.

CALDERON, Adolfo Ignacio; SAMPAIO, Helena (org.). Extensão universitária: ação comunitária em universidades brasileiras. São Paulo: Olho d'água, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo et al (org.). Arqueologia pública e patrimônio: questões atuais. Criciúma: Ed. da Universidade Estadual de Santa Catarina, 2015.

JORGE, Vítor Oliveira. Arqueologia, patrimônio e cultura. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

BEZERRA, Marcia et al (org.). Arqueologia e educação patrimonial em Serra Leste. Belém: GKNoronha, 2012.

KERN, Arno Alvarez. Arqueologia: o futuro de nosso passado. Rio Grande: Editora da Universidade Federal do Rio Grande, 2022.

**Bibliografia Complementar:**

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TOLFO, Cristiano (org.). Relatos de extensão universitária. Bagé: Ed. da Universidade da Região da Campanha, 2018.

MACIEL, Alberlândia. A universidade e o princípio da indissociabilidade: entre ensino, pesquisa e extensão: utopia ou realidade? Rio Branco: Ed. da Universidade Federal do Acre, 2018.

SULZBACH, Mayra; DENARDIN, Valdir (org.). A inclusão, a inserção, a interação, a investigação...: os in(s) da extensão no litoral do Paraná. Matinhos: UFPR litoral, 2013.

REZENDE, Eliane Garcia (org.). Extensão universitária: diálogos e possibilidades (vol. 1). Alfenas: Ed. da Universidade Federal de Alfenas, 2017.

REZENDE, Eliane Garcia (org.). Extensão universitária: diálogos e possibilidades (vol. 2). Alfenas: Ed. da Universidade Federal de Alfenas, 2020.

**Disciplina: Etnoarqueologia II**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 101134      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 8º semestre

**CH Total:** 45 **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** Etnoarqueologia I

**Ementa:** Estudo de temas e pesquisas específicas em Etnoarqueologia.

**Bibliografia Básica:**

AGUIAR, Rodrigo et al (org.). Arqueologia, etnologia e etno-história em iberoamérica: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2010.

CASTAÑEDA, Quetzil; MATTHEWS, Christopher. Ethnographic archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices. Lanham: AltaMira Press, 2008.

DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol. Ethnoarchaeology in action. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

**Bibliografia Complementar:**

BARRETO, Mauro Vianna. Abordando o passado: uma introdução à arqueologia. Belém: Paka-Tatu, 2010.

GOMES, Mércio Pereira. Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura. São Paulo: Contexto, 2008.

JONES, Siân. The archaeology of ethnicity: constructing identities in the past. London: Routledge, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Archaeology: the key concepts. London: Routledge, 2005.

**Disciplina: Tópicos Especiais em Antropologia II**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10952      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 8º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Estudo de temas e pesquisas específicas em Antropologia.

**Bibliografia Básica:**

GOMES, Mércio Pereira. Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura. São Paulo: Contexto, 2008.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

**Bibliografia Complementar:**

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: Edusc, 2002.

DAMATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DURHAM, Eunice et al. (org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

ROCHA, Everardo. O que é etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense, 1986.

**Disciplina: Antropologia e Arqueologia Sensorial**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10953      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 8º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** O campo da Antropologia sensorial e sua interface com a Arqueologia. O estatuto epistemológico dos sentidos. A multissensorialidade como estratégia metodológica. A crítica à matriz ocular constitutiva da modernidade. A prática etnográfica enquanto experiência sensorial e imersiva.

**Bibliografia Básica:**

DUARTE Jr., João Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

TILLEY, Christopher. A phenomenology of landscape: places, paths and monuments. Berg: Oxford, 1994.

**Bibliografia Complementar:**

CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. Campinas: Papyrus, 2005.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação. Campinas: Papyrus, 1997.

JOBIM, José Luís et al (org.). Sentidos dos lugares. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueología: teorías, métodos y práctica. Madrid : Akal, 2007.

SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher. Re-constructing archaeology. London: Routledge, 1992.

**Disciplina: Arqueologia da Diáspora Africana**

**Lotação:** ICHI      **Código:** 10954      **Duração:** semestral

**Caráter:** optativa      **Localização no QSL:** 8º semestre

**CH Total:** 45      **CH semanal:** 3      **Créditos:** 3

**Sistema de Avaliação:** sistema I      **Pré-requisito:** não possui

**Ementa:** Conceitos, definições e temas da Arqueologia da Diáspora Africana. História e cultura afro-brasileira. A cultura material relacionada aos grupos escravizados. As distintas formas de resistências e ressignificações culturais afro-brasileiras. Relações étnico-raciais, Direitos Humanos e políticas antirracistas.

**Bibliografia Básica:**

AGOSTINI, Camilla (org.). *Objetos da escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. *Arqueologias da escravidão e liberdade: senzalas, cultura material e pós-emancipação na Fazenda do Colégio, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII a XX*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

JONES, Siân. *The archaeology of ethnicity: constructing identities in the past and present*. London: Routledge, 1997.

BORBA, Fernanda Mara. *Arqueologia da escravidão numa vila litorânea: vestígios negros em São Francisco do Sul*. Joinville: Ed. Univille, 2014.

**Bibliografia Complementar:**

BASTIDE, Roger. *As Américas negras: as civilizações africanas no Novo Mundo*. São Paulo: DIFEL, 1974.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2012.

MAJEWSKI, Teresita; GAIMSTER, David (org.). *International handbook of historical archaeology*. New York: Springer, 2009.

SCHWARCZ, Lília. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2008.

### ANEXO III

## NORMATIVAS PARA AS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES DE GRADUAÇÃO

**Artigo 1º** - Serão consideradas Atividades Curriculares Complementares ao longo do curso, desde que atendidas as exigências especificadas nesta Resolução, os seguintes casos:

ATIVIDADE COMPLEMENTAR	NÚMERO DE HORAS POR ATIVIDADE	NÚMERO MÁXIMO DE HORAS
a) Participação (ouvinte) em eventos científicos (congressos, simpósios, seminários, semana acadêmica e outros) vinculados à área da Arqueologia e afins.	Até 20 horas	80 horas
b) Apresentação de trabalho em eventos científicos (congressos, simpósios, seminários, semana acadêmica e outros) vinculados à área da Arqueologia e afins.	Até 20 horas (cada apresentação equivale a 20 horas)	80 horas
c) Publicação ou aceite de trabalho científico como autor/a em periódicos e/ou capítulo de livros vinculados à área da Arqueologia e afins.	Até 30 horas (cada publicação equivale a 30 horas)	120 horas
d) Publicação ou aceite de trabalho científico como co- autor/a ou colaborador/a em periódicos e/ou capítulo de livros vinculados à área da Arqueologia e afins.	Até 20 horas (cada publicação equivale a 20 horas)	80 horas
e) Participação em projetos de pesquisa, ensino e extensão, vinculados à área da Arqueologia e afins.	Até 100 horas	100 horas
f) Participação (como ouvinte) em cursos, mini-cursos, oficinas, etc, vinculados à área da Arqueologia e afins.	Até 20 horas	80 horas
g) Participação na comissão organizadora de eventos vinculados a área da Arqueologia e afins (congressos, simpósios, palestras, semana acadêmica e outros).	Até 20 horas	80 horas
h) Ministrando cursos, mini-cursos, oficinas, vinculados à área da Arqueologia e afins.	Até 40 horas	80 horas
i) Realizar atividades de monitoria em disciplinas do curso, desde que vinculadas a projetos de ensino.	Até 40 horas	80 horas

i) Realização de estágio (remunerado e/ou voluntário) na área Arqueologia.	Até 100 horas	100 horas
j) Outras atividades (concursos, exposições, feiras, mostras, espetáculos e treinamentos) vinculados à área da Arqueologia e afins.	Até 10 horas	40 horas

**Artigo 2º** - São consideradas ACC's aquelas atividades que, de acordo com o Artigo 1º, forem realizadas no período em que o/a estudante estiver devidamente matriculado no Curso de Bacharelado em Arqueologia.

**Artigo 3º** - Ao final do curso, o/a estudante deverá ter integralizado no mínimo 90 (noventa) horas de atividades complementares, que deverão corresponder à pelo menos três (03) itens do Artigo 1º.

**Artigo 4º** - O/a estudante deverá remeter à Secretaria Acadêmica, via protocolo institucional, a documentação comprobatória da realização das atividades complementares até início do semestre no qual concluirá o Curso;

§ único – Caso o aluno não totalize as 90 horas de atividades complementares, isso causará impedimento na conclusão do curso de Bacharelado em Arqueologia.

**Artigo 5º** - Os casos omissos nesta Normatização serão decididos pela Coordenação de Curso.

**Artigo 6º** - A presente Normatização entrará em vigor a partir desta data, revogando-se as disposições em contrário.

Rio Grande, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## ANEXO IV

### NORMATIVAS PARA O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

#### CAPÍTULO I

##### DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

**Artigo 1º** – A presente normativa visa estabelecer e sistematizar as atividades relacionadas ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), indispensável para a obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

**Artigo 2º** – O TCC, no Curso de Bacharelado em Arqueologia, divide-se em três componentes curriculares obrigatórios, intitulados 10.362 – Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC I), 10.363 – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) e 10.467 – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC III) a serem realizados, respectivamente, na forma de projeto, execução da pesquisa e escrita de monografia. Deverão ser desenvolvidos de forma individual, sob a orientação de um docente do Curso de Bacharelado em Arqueologia, com a possibilidade de coorientação de docentes ou demais profissionais da área, com formação mínima em nível superior, desde que devidamente aprovados pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Bacharelado em Arqueologia, envolvendo temas de abrangência da área da Arqueologia e Antropologia.

**Artigo 3º** – Os objetivos gerais do TCC I, do TCC II e do TCC III são os de articular e proporcionar a pesquisa, a extensão e a extroversão do conhecimento, contribuindo, assim, para a formação do(a) arqueólogo(a).

**Artigo 4º** – Institui-se, a partir desta normativa, a figura da Coordenação de TCC. Cabe a esta, formada por dois docentes do curso de Bacharelado em Arqueologia eleitos no NDE, organizar e dar os procedimentos necessários ao bom funcionamento de TCC I, TCC II e TCC III, de acordo com o exposto nesta normativa, em diálogo com a Coordenação de Curso, NDE e com o Comitê Assessor da Área, quando for o caso.

**Parágrafo único** – A figura normativa da Coordenação de TCC terá mandato de 2 (dois) anos.

#### CAPÍTULO II

## DOS PRÉ-REQUISITOS RECOMENDADOS PARA OS COMPONENTES CURRICULARES DE TCC I, TCC II e TCC III

**Artigo 5º** – Para matricular-se no componente curricular de TCC I o(a) discente deve ter cursado com aprovação os componentes curriculares Metodologia da Pesquisa Arqueológica III (código:10315); Teoria da Arqueologia III (código: 10306) e apresentar a carta de aceite do orientador, com a definição de seu tema de pesquisa à Coordenação de TCC.

§ 1º – A aprovação no componente curricular de TCC I constitui-se em pré-requisito para cursar o componente curricular de TCC II.

§ 2º – A aprovação no componente curricular de TCC II constitui-se em pré-requisito para cursar o componente curricular de TCC III.

### CAPÍTULO III

#### DO COMPONENTE CURRICULAR TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I (TCC I)

**Artigo 6º** – O objetivo do componente curricular TCC I é elaborar um projeto de pesquisa voltado para o estudo de uma problemática relacionada à área da Arqueologia e Antropologia.

§ 1º – O componente curricular TCC I será anualmente ofertado com carga de 54 (cinquenta e quatro) horas-aula. Os encontros são organizados pelos respectivos orientadores, com discentes devidamente matriculados em sua turma do componente TCC I. Tem como objetivo o de apropriarem-se de discussões teóricas e metodológicas pertinentes à elaboração de um projeto de pesquisa relacionado às temáticas na área. Nesta carga horária o discente realizará leituras, receberá orientações específicas através debates, seminários, reuniões, etc., e elaborará o projeto de pesquisa.

§ 2º – A escolha do professor orientador do TCC I ocorrerá até a matrícula no respectivo TCC. No Apêndice I, desta normativa, encontra-se o documento modelo intitulado “Termo de Compromisso Discente e de Orientação Docente”. Tal documento deverá ser entregue pelo(a) discente ao Coordenador de TCC, em data pré-estabelecida e divulgada pelo mesmo, antes do encerramento do semestre letivo anterior as matrículas no TCC I.

**Artigo 7º** – O discente deve elaborar seu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso de acordo com esta normativa e com as recomendações do seu docente orientador, apresentando-o juntamente com o cronograma de execução.

**Artigo 8º** – Sugere-se que o projeto de Trabalho de Conclusão de Curso contemple os seguintes itens: Sumário; Apresentação (título, autor, orientador, previsão de duração da pesquisa); Objeto (tema, delimitação do tema, formulação do problema); Justificativa; Objetivos: Gerais e Específicos; Embasamento Teórico; Metodologia (método de abordagem e procedimento); Estrutura da Monografia (Sumário Provisório); Cronograma de Atividades; Referências.

**Artigo 9º** – Os projetos de TCC I deverão ser entregues a Coordenação de TCC, após avaliação dos respectivos orientadores, com no mínimo 15 (quinze) dias úteis de antecedência ao término do semestre letivo, que levará para conhecimento da Coordenação de Curso para fins de planejamentos da oferta de TCC II.

**Artigo 10º** – A avaliação do TCC I será realizada pelo professor orientador, em média de 0 a 10,0 (zero a dez), sendo 5,0 (cinco) a nota mínima para aprovação.

## **CAPÍTULO IV**

### **DO COMPONENTE CURRICULAR TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II (TCC II)**

**Artigo 11º** – O objetivo do componente curricular TCC II é desenvolver as pesquisas apontadas no projeto elaborado no TCC I.

**Parágrafo único** – O componente curricular TCC II será ofertado com carga de 108 (cento e oito) horas-aula. Os encontros são organizados pelos respectivos orientadores, com os (as) discentes devidamente matriculados no componente TCC II, com o objetivo de aprimorarem de discussões teóricas e metodológicas, realizar trabalhos de pesquisa em campo, em arquivos e\ou em laboratórios pertinentes ao desenvolvimento de um projeto de pesquisa relacionado às temáticas na área. Nesta carga horária o(a) discente também realizará leituras, receberá orientações específicas através debates, seminários, reuniões e, como já mencionado, executará o projeto de pesquisa.

**Artigo 12º** – Ao final do desenvolvimento do TCC II o discente deverá entregar um plano de trabalho detalhado do seu TCC, seguindo as orientações desta normativa e de seu orientador, com o cronograma do trabalho a ser executado no TCC III. Espera-se que neste cronograma constem: ultimas etapas de pesquisa (se ainda for necessário) e a previsão da redação final da monografia.

**Artigo 13º** – A coordenação de TCC elegerá uma data, local e organizará a realização do *Seminário de Qualificação de TCC do Curso de Bacharelado de Arqueologia*. Tal programação deverá ser apresentada previamente a Coordenação de Curso.

§ 1º – A participação dos(as) discentes matriculadas em TCC II no referido Seminário é facultativa.

§ 2º – O NDE elegerá, anualmente, uma comissão de até 3 (três) docentes para compor a comissão que realizará o diálogo com os(as) discentes no Seminário de Qualificação de Trabalho de Conclusão de Curso.

**Artigo 14º** – A avaliação do TCC II será realizada pelo professor orientador, em média de 0 a 10,0 (zero a dez), sendo 5,0 (cinco) a nota mínima para aprovação.

## **CAPÍTULO V**

### **DO COMPONENTE CURRICULAR TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO III (TCC III)**

**Artigo 15º** – O componente curricular TCC III é aquele em que o discente desenvolve o trabalho monográfico propriamente dito. Tem carga horária de 108 (cento e oito) horas-aula em que o discente recebe orientações, dá continuidade à pesquisa (caso ainda seja necessário) e elabora sua monografia, cujo resultado deverá ser aprovado por uma banca em defesa pública.

**Artigo 16º** – O Trabalho de Conclusão de Curso III, também classificado como Monografia, deve ser elaborado considerando-se: seu conteúdo, as finalidades estabelecidas no artigo 6º e no artigo 11º desta normativa e a vinculação do seu tema com a área da Arqueologia e Antropologia.

**Artigo 17º** – Para a matrícula no componente curricular TCC III, o(a) discente deverá ter cursado com aprovação os componentes curriculares TCC I e TCC II.

**Artigo 18º** – No TCC III o(a) discente segue sob a orientação do profissional que o orientou no TCC I e no TCC II.

**Artigo 19º** – Para efeitos de organização das bancas avaliativas o(a) discente deverá entregar a Coordenação de TCC uma carta, assinada pelo orientador (e pelo coorientador, quando for o caso), com a expressão “apto para a defesa”, juntamente com o documento de solicitação de agendamento de defesa e de definição de banca. Segue modelo de documento no apêndice II desta normativa.

§ 1º – O(a) discente deverá entregar ao Orientador de TCC 3 (três), ou 4 (quatro) quando for o caso, cópias encadernadas da versão final do Trabalho de Conclusão de Curso.

§ 2º – Este encaminhará as cópias à coordenação de TCC, com tempo hábil para que esta execute a distribuição para as bancas.

§ 3º – Cabe a Coordenação de TCC garantir que a banca examinadora receba os trabalhos com no mínimo

10 (dez) dias de antecedência da data prevista para a defesa pública. Para tanto, não deverá aceitar a entrega de monografia fora dos prazos estabelecidos pela Coordenação de TCC.

**Artigo 20º** – Sugere-se que o texto final do TCC III contemple os seguintes itens: Capa; Folha de rosto; Termo ou folha de aprovação; Dedicatórias (opcional); Agradecimentos (opcional); Resumo seguido de três palavras-chave (apresentar, igualmente, o resumo e as palavras-chave traduzidos para língua estrangeira – inglesa, francesa ou espanhola); Epígrafe (opcional); Lista de ilustrações e/ou figuras (quando for o caso); Lista de tabelas (quando for o caso); Lista de abreviaturas ou siglas (quando for o caso); Lista de símbolos (quando for o caso); Sumário; Introdução; Desenvolvimento do trabalho (partes e/ou capítulos); Considerações finais; Referências; Glossário (quando for o caso); Apêndices (quando for o caso); Anexos (quando for o caso).

**Artigo 21º** – A avaliação do TCC III será realizada pelo professor orientador, em média de 0 a 10,0 (zero a dez), sendo 5,0 (cinco) a nota mínima para aprovação.

## **CAPÍTULO VI**

### **DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO III E SUA BANCA AVALIADORA**

**Artigo 22º** – O sistema de verificação do rendimento acadêmico do discente do componente curricular (nota final) de Trabalho de Conclusão de Curso III será constituído pela média das avaliações feitas por cada um dos membros da banca examinadora.

§ 1º – A nota final do TCC III é a média da nota dos três, ou quatro (quando for o caso) avaliadores.

§ 2º – A nota a ser atribuída pelo trabalho tem peso 7 (sete) para o texto escrito e peso 3 (três) para a arguição.

**Artigo 23º** – O(a) discente tem até 30 (trinta) dias, a contar a pós a data de defesa do TCC III, para encaminhar a Coordenação de TCC 1 (uma) cópia impressa e 1 (uma) cópia em formato PDF de seu TCC com as devidas revisões apontadas pela banca avaliadora.

**Parágrafo único** – Cabe a Comissão de TCC dar os devidos encaminhamentos aos textos recebidos para arquivamento e/ou disponibilização na biblioteca da instituição.

**Artigo 24º** – As sessões de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso III deverão ser obrigatoriamente públicas.

**Artigo 25º** – A atribuição das notas dar-se-á após o encerramento da etapa de contra-arguição, obedecendo ao sistema de notas individuais por examinador, levando em consideração o texto escrito, a sua exposição oral e a defesa da arguição apresentada pela banca examinadora (contra-arguição).

**§ 1º** – A nota final do(a) discente é o resultado da média das notas atribuídas pelos membros da comissão examinadora;

**§ 2º** – Será considerado aprovado, no Trabalho de Conclusão de Curso, o(a) discente que atingir nota final igual ou superior a 5,0 (cinco);

**§ 3º** – Para os discentes que obtiverem nota inferior a 5,0 (cinco), não há atividade de recuperação. Isto é: o discente que não obtiver nota igual ou superior a 5,0 (cinco) será reprovado em TCC III e deverá cursar novamente o componente curricular, quando de sua oferta pelo Curso.

**Artigo 26º** – A banca examinadora, por maioria, após a defesa oral, pode sugerir ao discente que reformule aspectos de seu Trabalho.

**Artigo 27º** – O discente que não entregar o Trabalho de Conclusão de Curso, ou que não se apresentar para a sua defesa oral, sem motivo justificado na forma da legislação em vigor, está automaticamente reprovado no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso III.

**Artigo 28º** – Em caso de não concordância com a reprovação, por parte do(a) discente, este poderá fazer uso das normas recursais da FURG.

**Artigo 29º** – Pode fazer parte da banca examinadora, além do orientador, outros dois docentes lotados na FURG, docentes de outras IES, ou profissionais não docentes, desde que estes últimos tenham correlação com o referido tema proposto na monografia e formação mínima em nível superior;

**§ 1º** – Ainda pode compor a banca examinadora um quarto membro com notório saber no tema da monografia, mesmo que não possua formação em nível superior.

**§ 2º** – Quando da designação da banca examinadora deve também ser indicado um membro suplente, encarregado de substituir qualquer dos titulares em caso de impedimento, à exceção do próprio orientador.

**Artigo 30º** – A banca examinadora somente pode executar seus trabalhos com os 3 (três), ou 4 (quatro) se for o caso, membros presentes.

**Parágrafo único** – Não comparecendo 2 (dois), ou 3 (três) se for o caso, dos professores designados para a banca examinadora, suspende-se a avaliação final do trabalho de conclusão de curso, de modo que o orientador e a Coordenação de TCC deverão organizar nova banca e/ou data a ser realizada, ainda dentro

do calendário acadêmico institucional.

## **CAPÍTULO VII**

### **DA FREQUÊNCIA NOS COMPONENTES CURRICULARES DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I, TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II e TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO III**

**Artigo 31º** – A frequência mínima nos componentes curriculares de TCC I, TCC II e TCC III será de 75%, de acordo com a legislação vigente, relativamente às orientações com os professores, de acordo com o cronograma de atividades estabelecido nos três componentes curriculares e as atividades solicitadas.

**Parágrafo único** – Cabe ao orientador realizar o registro das frequências e faltas, bem como das notas de seus orientandos.

## **CAPÍTULO VIII**

### **DA SUBSTITUIÇÃO DE ORIENTADOR(A)**

**Artigo 32º** – Em caso de necessidade, tanto por parte do(a) discente quanto por parte do(a) orientador(a), do rompimento do vínculo de orientação e, conseqüentemente, da substituição de orientador(a), uma solicitação deverá ser encaminhada ao NDE.

**§ 1º** – Ao NDE cabe avaliar tal solicitação.

**§ 2º** – Esta solicitação deverá vir acompanhada de informação documentada do conhecimento de ambas as partes (orientador(a) e discente) da situação de rompimento do vínculo de orientação.

## **CAPÍTULO XIX**

### **DAS DISPOSIÇÕES GERAIS**

**Artigo 33º** – Os casos de plágio, devidamente, comprovados incorrerão em reprovação imediata do acadêmico, sendo passíveis de abertura de processo ao infringir a legislação que rege a matéria.

**Parágrafo único** – A percepção de plágio deverá ser comunicada imediatamente a Coordenação de TCC, acompanhado de documentação comprobatória do mesmo; ciente do fato a Coordenação de TCC deverá solicitar a convocação de uma reunião do NDE, em caráter extraordinário, com o intuito de submeter a suspeita de plágio ao conhecimento e análise dos membros deste Núcleo.

**Artigo 34º** - Os casos omissos e as dúvidas surgidas na aplicação da presente normativa serão solucionados pela Coordenação de TCC e pelo NDE, de quando for o caso.

**Artigo 35º** - Estas normas entram em vigor na data da sua aprovação pelo Conselho do Instituto de Ciências Humanas e da Informação.

**APÊNDICE I**  
**DA NORMATIVA DE TCC**

**TERMO DE COMPROMISSO DO DISCENTE E DE  
ORIENTAÇÃO DOCENTE (TCC I, TCC II e TCC III)**

Eu, \_\_\_\_\_, matriculado(a) sob o número \_\_\_\_\_, discente do Curso de Bacharelado em Arqueologia, na ênfase \_\_\_\_\_ comprometo-me a desempenhar as atividades referentes ao Trabalho de Conclusão de Curso I, II e III, conforme especificado no documento por mim já conhecido (Normativa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC I, TCC II e TCC II) – do Curso de Bacharelado em Arqueologia, para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso que terá como tema \_\_\_\_\_, provisoriamente intitulado \_\_\_\_\_). O TCC terá como Orientador o Prof(a). \_\_\_\_\_, sob coorientação (preencher se for o caso) de \_\_\_\_\_, que, previamente, se disponibiliza(m) em fazer a devida orientação.

\_\_\_\_\_  
Assinatura e Nome do(a) Discente

\_\_\_\_\_  
Assinatura e Nome do(a) Orientador(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura e Nome do(a) Coorientador(a)

Recebido pelo Coordenador de TCC em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do coordenador de TCC \_\_\_\_\_

Rio Grande, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**APÊNDICES II**  
**DA NORMATIVA DE TCC**

**FORMULÁRIO DE ENCAMINHAMENTO PARA DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO  
DE CURSO**

**(DISCIPLINA 10.467 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO III)**

Eu, Prof/a. Dr/a. \_\_\_\_\_ na qualidade de orientador/a  
do/a discente \_\_\_\_\_, no desenvolvimento do TCC  
intitulado \_\_\_\_\_,  
informo que o mesmo **está apto para ser encaminhado à defesa pública de sua monografia.**

Para tanto solicitamos que sejam formalizados os convites que previamente realizei, na qualidade de orientadora, para a composição da banca avaliadora do TCC.

Membros sugeridos para banca

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Data sugerida para defesa: / /

Horário sugerido:

Observações (se houver):

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Assinatura do orientador (a): \_\_\_\_\_

Assinatura do orientando(a): \_\_\_\_\_

Recebido pelo Coordenador de TCC em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do coordenador de TCC \_\_\_\_\_

Rio Grande, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.